INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL GENERAL

2024/2025

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO INDIVIDUAL

GUERRA NA UCRÂNIA E A RECONFIGURAÇÃO DA ARQUITETURA DE SEGURANÇA EUROPEIA

O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOUTRINA OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA.

Afonso Miguel dos Santos Gaiolas

CORONEL PILOTO AVIADOR

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

GUERRA NA UCRÂNIA E A RECONFIGURAÇÃO DA ARQUITETURA DE SEGURANÇA EUROPEIA

COR PILAV Afonso Miguel dos Santos Gaiolas

Trabalho de Investigação Individual do CPOG 2024/2025

Pedrouços 2025

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

GUERRA NA UCRÂNIA E A RECONFIGURAÇÃO DA ARQUITETURA DE SEGURANÇA EUROPEIA

COR PILAV Afonso Miguel dos Santos Gaiolas

Trabalho de Investigação Individual do CPOG 2024/2025

Orientador: BGEN/PILAV Paulo Américo Oliveira da Costa

Pedrouços 2025

Declaração de compromisso Antiplágio

Eu, **Afonso Miguel dos Santos Gaiolas**, declaro por minha honra que o documento intitulado **Guerra na Ucrânia e a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia** corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida enquanto auditor do **CPOG 2024/2025** no Instituto Universitário Militar e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços**, 5** de **maio** de **2025**

Assinado por: **Afonso Miguel dos Santos Gaiolas**
Num. de Identificação: 10322408
Data: 2025.07.18 21:56:56+01'00'

Afonso Miguel dos Santos Gaiolas

COR/PILAV

Agradecimentos

Lina,

Pedro, Alexandre, João,

Todo o Universo*, eppur si muove*… só porque vocês existem!

Índice

1. Introdução 1
2. Enquadramento Teórico e Metodológico 5
2.1 Estado da arte e conceitos estruturantes 5
2.1.1 Guerra na Ucrânia 5
2.1.2 Arquitetura de segurança europeia 8
2.2 Modelo de Análise 10
3. Metodologia e método 11
3.1 Metodologia 11
3.2 Método 11
3.2.1 Participantes e procedimento 11
3.2.2 Instrumento de recolha de dados 11
3.2.3 Técnicas de análise dos dados 11
4. Posição dos principais atores geopolíticos face à Guerra na Ucrânia 13
4.1 Organização para a Segurança e Cooperação na Europa 13
4.1.1 Papel de mediação, diálogo e monitorização 13
4.2 North Atlantic Treaty Organization 14
4.2.1 Programa de assistência alargado à Ucrânia, de caráter não letal 14
4.2.2 Importância da NATO na arquitetura de segurança europeia 15
4.3 União Europeia 15
4.3.1 Opções geoestratégicas e de Defesa 16
4.3.2 A Bússola Estratégica 17
4.4 Organização das Nações Unidas 18
4.4.1 Atos de condenação e resoluções 18
4.4.2 Esforços humanitários e diplomáticos 19
4.4.3 Medidas legais e de responsabilização 19
4.5 China 19
4.5.1 Princípios da soberania, integridade territorial, diálogo pela paz 20
4.5.2 Parceria estratégica com a Rússia e iniciativas diplomáticas 20
4.6 Estados Unidos da América 21
4.6.1 Período de presidência de Joseph Biden Jr. 21
4.6.2 Período de presidência de Donald Trump 21

4.7 Caracterização dos principais atores geopolíticos face à guerra na Ucrânia 22

5. Análise prospetiva do conflito russo-ucraniano 24

5.1 Os cenários possíveis para o conflito russo-ucraniano 24

5.2 Fatores que condicionarão os cenários 25

5.3 Análise SWOT realizada a cada um dos cenários 26

5.3.1 Guerra de longa duração 26

5.3.2 Congelamento do conflito 27

5.3.3 Vitória da Ucrânia 28

5.3.4 Vitória da Rússia 29

5.4 Impacto dos possíveis desfechos do conflito na arquitetura de segurança europeia 30

6. Conclusões 31

Referências Bibliográficas 34

Índice de Apêndices

Apêndice A – Corpo de Conceitos ..... Apd A-1

Apêndice B – Guiões das Entrevistas Semiestruturadas ..... Apd B-1

Apêndice C – Síntese das ideias-chave das entrevistas ..... Apd C-1

Apêndice D – O conflito russo-georgiano e o seu paralelismo com a Guerra na Ucrânia.... ..... Apd D-1

Apêndice E – O conflito moldavo com a província separatista da Transnístria e o seu paralelismo com a Guerra na Ucrânia ..... Apd E-1

Índice de Quadros

Quadro 1 – Modelo de Análise 10

Resumo

A guerra na Ucrânia entrou no quarto ano de ininterrupta e intensa beligerância. Este conflito, resultante da massiva invasão russa de território ucraniano, em fevereiro de 2022, voltou a colocar o leste da Europa no centro da instabilidade geopolítica do continente europeu e expôs, ao mundo, a fragilidade das principais instituições internacionais, na prevenção e resolução de conflitos pela via diplomática.

Este trabalho de investigação procura apreciar, neste contexto, a forma como a guerra na Ucrânia influencia a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia, através da adoção de estratégias de raciocínio indutivo e investigação qualitativa.

A análise efetuada incidiu sobre a contextualização histórica e análise dos pontos de fricção conducentes ao atual estado de beligerância russo-ucraniano, na posição dos principais atores geopolíticos internacionais face à guerra na Ucrânia e numa análise prospetiva de potenciais desfechos para o conflito, focada nas implicações para a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia.

Concluiu-se que a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia dependerá de uma abordagem integrada, que combine a força coletiva da NATO, a autonomia estratégica da UE, a sua modernização no domínio da Defesa, e o reforço da confiança institucional nas organizações com influência na esfera europeísta, nomeadamente ONU e OSCE.

Palavras-chave: Guerra na Ucrânia; Arquitetura de Segurança Europeia; NATO; Federação Russa; União Europeia, OSCE.

Abstract

The war in Ukraine has entered its fourth year of uninterrupted and intense hostilities. This conflict, resulting from the massive Russian invasion of Ukrainian territory in February 2022, has once again placed Eastern Europe at the epicentre of geopolitical instability within the European continent and exposed the fragility of major international institutions in preventing and resolving conflicts through diplomatic means.

In this context, this research seeks to assess how the war in Ukraine influences the reconfiguration of the European security architecture, employing an inductive reasoning approach and a qualitative research strategy.

The analysis focused on the historical context and examination of the friction points leading to the current state of Russian-Ukrainian belligerence, the positions of key international geopolitical actors concerning the war in Ukraine, and a prospective analysis of potential outcomes for the conflict, concentrating on the implications for the reconfiguration of the European security architecture.

The conclusion reached is that the reconfiguration of the European security architecture will depend on an integrated approach, combining NATO's collective strength, the EU's strategic autonomy and its modernization in the defence domain, alongside the reinforcement of institutional trust in organizations with influence in the European sphere, namely the UN and OSCE.

Keywords: *War in Ukraine, European Security Architecture, NATO, Russian Federation, European Union, OSCE.*

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

C

CSCE	Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa

D

DDA	*Deterrence and Defence of the Euro-Atlantic Area*

E

EUA	Estados Unidos da América

N

NATO	*North Atlantic Treaty Organization*

O

OE	Objetivo Específico
OG	Objetivo Geral
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCE	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
PCSD	Política Comum de Segurança e Defesa

Q

QC	Questão Central
QD	Questão Derivada

U

UE	União Europeia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

1. Introdução

A invasão militar russa na Ucrânia, em fevereiro de 2022 representou, indubitavelmente, a maior e mais abrupta disrupção da arquitetura de segurança europeia, no período pós-queda do muro de Berlim e colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

O continente europeu voltou a assistir, com um misto de incredulidade e sensação de impotência diplomática, a uma guerra de elevada intensidade, causadora, em pouco mais de três anos, de centenas de milhares de baixas[1], quer russas quer ucranianas, e que ameaça redefinir, uma vez mais, as frágeis e voláteis fronteiras geográficas do Leste Europeu (Fontelles, 2023).

Várias gerações de políticos do velho continente acreditaram, após o final da Guerra Fria, que o poder da diplomacia, dos laços institucionais, das alianças e da interdependência económica resultante de um mundo cada vez mais globalizado, seriam suficientes para prevenir a transformação de divergências geoestratégicas conceptuais, em estados de beligerância ativa (Rompuy & Barroso, 2012). Como consequência desta corrente de pensamento, a maioria dos orçamentos de Defesa dos países europeus, especialmente os da Europa Ocidental, foi sendo sucessivamente subfinanciada, especialmente face às galopantes necessidades de acompanhamento da evolução tecnológica e consequente investimento, no domínio militar, que fizesse face ao generalizado comportamento armamentista mundial e, consequentemente, à necessidade de manutenção do *status quo,* em matéria de dissuasão (*European Defence Agency* [EDA], 2022).

A madrugada de 24 de fevereiro de 2022 funcionou, pois, como um doloroso despertar para a necessidade de fazer regressar uma consciência europeia que relevasse a importância da capacidade militar dos Estados e, especialmente, da resiliência do seu tecido industrial aplicado às tecnologias militares (Leyen, 2023).

Será importante, por conseguinte, recuar algumas décadas e examinar os principais passos e decisões geopolíticas que conduziram ao atual estado de convulsão europeu e da sua arquitetura de segurança.

O desenvolvimento da arquitetura de segurança europeia contemporânea inicia-se depois da Segunda Guerra Mundial, com a emergência de estruturas organizativas que almejavam a proteção, dos diversos Estados, do horror vivido anos antes em solo europeu, e

[1] A contagem oficial de baixas é considerada informação classificada e, por esta razão, alvo de múltiplas campanhas de propaganda e desinformação a toda a comunidade mundial.

que tantos milhões de vidas acabou por reclamar. No seguimento da criação da tentativamente holística Organização das Nações Unidas (ONU)[2], em outubro de 1945, também a assinatura do Ato Final de Helsínquia, em agosto de 1975, no âmbito da Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), marca um período de amadurecimento deste projeto conciliador, unificando um sentimento comum europeísta, relativo a questões de segurança, confiança, cooperação económica e direitos humanos (Conference on Security and Co-operation in Europe [CSCE], 1975).

O estabelecimento de organizações de ampla abrangência geopolítica e a assinatura de acordos conducentes ao controlo armamentista, conduziram efetivamente a que os dois blocos antagonistas, *North Atlantic Treaty Organization* (NATO) e Pacto de Varsóvia, diminuíssem os desvios de perceção quanto às mútuas intenções hegemónicas e, deste modo, se minimizassem os riscos de uma confrontação militar direta, de proporções catastróficas, no auge da Guerra Fria (Crawford, 2007).

O colapso da URSS e a dissolução do Pacto de Varsóvia, no início da década de noventa do século passado, marcou um período de transição mais pacificador para a arquitetura de segurança europeia. Apesar da sua némesis NATO não ter seguido idêntico caminho dissolucionista, este foi um tempo de convergência e aumento da cooperação institucional, no qual a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa[3] (OSCE) assumiu o palco central como ator conciliador multidimensional (Organization for Security and Co-operation in Europe [OSCE], 1990).

Catalisado por uma ânsia de cooperação económica, que potenciasse o desenvolvimento dos Estados, a Federação Russa, herdeira natural do espaço ocupado pela extinta URSS, passou a participar ativamente na esfera organizativa da arquitetura europeia, embora sempre considerada um pária pelos países mais liberais do eixo transatlântico Estados Unidos da América (EUA) - Europa, por não partilhar os mesmos valores, especialmente os de ordem ideológica responsáveis pela estruturação do poder governativo. Não sendo um inimigo, nem tão pouco um adversário declarado, passou a ser considerada como um inevitável parceiro, fundamentalmente de cariz económico-financeiro (Shleifer & Treisman, 2005). Exemplos paradigmáticos são a criação, em 2002, do Conselho NATO-

[2] Originalmente constituída por 51 Estados-membros, a ONU possui, desde 2011, 193 Estados-membros e 2 observadores (Santa Sé e Palestina).

[3] A OSCE é uma organização internacional que promove uma aproximação holística à segurança europeia, nas dimensões político-militar, económica, ambiental e de direitos humanos. É constituída por 57 Estados-membros oriundos da Europa, Ásia Central e América do Norte e todas as decisões são tomadas por consenso, embora não vinculativas.

Rússia, de âmbito militar, e o estabelecimento de parcerias com as Comunidades Europeias, como demonstrado pelo estabelecimento do Acordo de Parceria e Cooperação com estas instituições, em 1994 (*European Communities* [EC], 1997).

As divergências quanto à evolução geopolítica do espaço europeu, especialmente pela perceção russa da influência e postura dominante dos EUA, também na esfera europeísta revelar-se-iam, contudo, cada vez mais insanáveis, com o aproximar do final da primeira década do novo milénio. Em 2007, na Conferência de Segurança de Munique, o presidente russo Vladimir Putin profere um inflamado discurso que marca um ponto de viragem nas relações internacionais, acusando a NATO de ter ignorado o compromisso de abstenção de expansão no Leste Europeu, aquando da dissolução do Pacto de Varsóvia (Smith & Aldis, 2007) e antecipando aquele que viria a ser o novo campo de batalha ideológico-militar, nas Repúblicas da Geórgia[4] e da Moldávia[5] e, a partir de 2014, também na Ucrânia.

A invasão massiva do território ucraniano, a partir de fevereiro de 2022, marca o ponto de culminação de todo o espectro antagonista dos dois atores que mais influenciaram, nas últimas décadas, a arquitetura de segurança europeia, Federação Russa e NATO. As reais consequências do processo de transformação que daqui decorrerá estão, à data, ainda carregadas de incerteza geoestratégica. Com uma União Europeia (UE)[6] titubeante, profundamente dividida entre a sua matriz ideológica conciliadora e agregadora, e a emergência de novos extremismos políticos segregacionistas e isolacionistas, a única certeza que poderemos ter é que nada permanecerá como na véspera desta invasão. Entre outras alterações da ordem estabelecida, este evento cataclísmico conseguiu desde logo quebrar uma histórica filosofia de neutralidade a dois países escandinavos – Suécia e Finlândia, este último com 1.340 quilómetros de fronteira partilhada com a Federação Russa, que, fruto da instabilidade militar gerada, consumaram a sua adesão à NATO em março de 2024 e abril de 2023, respetivamente.

Com base no enquadramento agora definido, este estudo tem como objeto a Guerra na Ucrânia e a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia, estando delimitado, como preconizado por Santos e Lima (2019, p. 42):

[4] Vide Apêndice D.
[5] Vide Apêndice E.
[6] A UE é uma união económica e política de Estados, que tem origem nos princípios ideológicos da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço e Comunidade Económica Europeia. Foi constituída, formalmente, em 1993, através do Tratado de Maastricht e é atualmente constituída por 27 Estados-membros. São candidatos à adesão Albânia, Bósnia-Herzegovina, Moldávia, Montenegro, Macedónia do Norte, Sérvia, Turquia e Ucrânia.

– Temporalmente, desde o final da Segunda Guerra Mundial até final de fevereiro de 2025, com especial ênfase no período que medeia a madrugada da invasão russa à Ucrânia, a 24 de fevereiro de 2022 e 28 de fevereiro de 2025, data de encerramento da recolha documental;

– Espacialmente, à Europa e aos eixos euro-atlântico, com extensão aos EUA e ao eixo euro-asiático, com extensão à China, nas suas dimensões geográfica, geopolítica e geoestratégica, aplicadas à arquitetura de segurança europeia;

– Em termos de conteúdo, na análise dos pilares diplomático, militar e económico, associados aos múltiplos atores que influenciam, quer a guerra na Ucrânia, quer a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia que de si deriva.

Face ao objeto de investigação, constitui-se como objetivo geral (OG): Apreciar a forma como a guerra na Ucrânia influencia a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia, para o qual contribuem dois objetivos específicos (OE):

– OE1: Analisar o papel dos principais atores geopolíticos face à guerra na Ucrânia.

– OE2: Analisar o impacto dos possíveis desfechos da guerra da Ucrânia na arquitetura de segurança europeia.

Formula-se como questão central (QC) da investigação: De que forma a guerra na Ucrânia influencia a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia?

Deduziram-se ainda duas questões derivadas (QD):

- QD1: Como se caracteriza o papel dos principais atores geopolíticos face à guerra na Ucrânia?

- QD2: Qual o impacto dos possíveis desfechos da guerra da Ucrânia na arquitetura de segurança europeia?

Estruturalmente, este trabalho está organizado em seis capítulos, sendo o primeiro a presente introdução. O segundo, orientado para o estado da arte e o modelo conceptual. O terceiro, norteado pela metodologia e método a aplicar na presente investigação. O quarto e quinto capítulos para o estudo dos objetivos e respostas às questões de investigação. O sexto, e último, para a apresentação das conclusões, contributos para o conhecimento, limitações, estudos futuros e recomendações.

2. Enquadramento Teórico e Metodológico

Este trabalho de investigação insere-se no domínio científico das Ciências Militares, na área nuclear do estudo das crises e dos conflitos armados e na subárea de análise das crises e conflitos em contexto internacional.

Neste capítulo apresenta-se o estado da arte e os conceitos estruturantes que apoiam o presente trabalho de investigação – Guerra na Ucrânia e Arquitetura de segurança europeia. Para além destes, detalhar-se-ão, no apêndice A, seis outros conceitos também abordados ao longo deste trabalho - *Euromaidan*, Revolução da Dignidade, Operação Militar Especial, Sanções Internacionais, Armistício e *Proxy War*.

2.1 Estado da arte e conceitos estruturantes

2.1.1 Guerra na Ucrânia

Para que compreendamos o atual conflito russo-ucraniano, torna-se necessário analisar as motivações e idiossincrasias de cada um dos beligerantes, ao longo do tempo, bem como os pontos de fricção que conduziram ao atual estado de direta confrontação militar.

Fruto do sucesso da revolução orquestrada pelo movimento partidário bolchevique, que pôs fim à autocracia imperial que até então vigorava no império russo, em 1922 é criada a URSS, que uniu, segundo um modelo ideológico de matriz socialista, várias Repúblicas deste eixo euro-asiático, onde se incluíram, entre outros, a Rússia e a Ucrânia (Saunders & Strukov, 2010). Este laço institucional, que se prolongou por quase sete décadas e permitiu uma vasta permeabilidade económica, cultural, étnica e religiosa entre as várias Repúblicas participantes, nem sempre em relação de harmoniosa simbiose (Davies & Wheatcroft, 2009), permaneceu válido até 26 de dezembro de 1991, data em que, formalmente, se procedeu à dissolução desta União de Estados e se efetivou a independência da Ucrânia como Estado soberano (Magocsi, 2010). Na verdade, o intuito separatista deste país manifestava-se já latente desde a queda do muro de Berlim, ocorrida dois anos antes, tendo o desmantelamento progressivo da cortina de ferro precipitado uma declaração unilateral de independência, a 24 de agosto de 1991 (Solchanyk, 2001).

A progressiva deriva ideológica que se seguiu, nas décadas subsequentes, atinge o seu auge com a predisposição ucraniana, em novembro de 2013, em firmar um acordo de associação com a UE, ação gorada por influência russa, que induziu uma opção estratégica alternativa, através da sua congénere União Económica Euro-asiática (*Eurasian Economic Union* – EAEU), reiterada após reunião de trabalho entre os presidentes de ambos os países, no início de dezembro de 2013, em território Russo (Konończuk, 2013).

Esta ambivalência política, associada a uma profunda crise financeira que, à data, provocava uma queda anual de 1% do produto interno bruto ucraniano e o desequilíbrio da sua balança comercial (International Monetary Fund, 2014), fez alastrar um exacerbado descontentamento social e a emergência de manifestações de protesto da população, inicialmente confinadas à praça central de Kiev, mas que rapidamente se replicaram em diferentes cidades da Ucrânia (Düvell & Lapshyna, 2015).

Este movimento, mais tarde denominado *Euromaidan*, numa alusão à icónica praça da independência de Kiev, ponto fulcral de manifestações e que, no seu auge, juntou aproximadamente meio milhão de pessoas no centro da capital, culminou com a tomada de vários edifícios governamentais, a morte de mais de uma centena de manifestantes e na substituição, pelo parlamento, do presidente eleito Viktor Yanukovych, entretanto exilado, por Oleksandr Turchynov, a 21 de fevereiro de 2014 e de forma interina, até que novas eleições fossem realizadas (Walker, 2023).

Face a esta repentina mudança política, que ameaçava aproximar, uma vez mais, a Ucrânia de uma matriz de pensamento ideológico ocidental, a 27 de fevereiro de 2014, membros da autoproclamada milícia da Crimeia, apoiados por 25.000 militares pertencentes à frota russa do Mar Negro, tomaram de assalto vários edifícios governamentais, forçando a transição de poder na República Autónoma da Crimeia para a esfera de influência russófona, quer através da nomeação de um novo primeiro-ministro, quer pela legitimação posterior em referendo, profundamente contestado pela Ucrânia, e que ditou a adesão formal desta região à Federação Russa (Kazdobina, Hedenskog & Umland, 2024).

Paralelamente, grupos similares de milícias armadas iniciaram operações de revolta na região leste da Ucrânia, correspondente à Bacia de Donetsk - *Donbass*, tomando de assalto vários edifícios administrativos nas regiões de Donetsk, Luhansk e Kharkiv. Enquanto que, nas duas primeiras, o movimento separatista obteve algum sucesso, tendo culminado em declaração independentista, após referendo realizado a 11 de maio de 2014, das Repúblicas Populares de Donetsk e Luhansk, em Kharkiv o mesmo intento foi repelido e resultou num amplo fracasso separatista (Shapovalova & Jarábik, 2018).

A 25 de maio de 2014, é eleito presidente ucraniano Petro Poroshenko, já sem a participação eleitoral da Crimeia e da maioria do Donbass. O novo presidente estabelece de imediato uma operação antiterrorista, com o propósito de reconquistar os territórios ocupados, dando-se início a um período de conflito bélico de baixa intensidade entre as forças governamentais ucranianas e as milícias separatistas, apoiadas não declaradamente

pela Rússia, que se prolongou até setembro do mesmo ano e que não alterou substancialmente o equilíbrio de forças (Sasse, 2018).

A 5 de setembro de 2014, após um longo período negocial entre representantes da Ucrânia, Rússia, da OSCE e das duas Repúblicas separatistas de Luhansk e Donetsk, foi assinado em Minsk um acordo de cessar-fogo. Apesar destes esforços, o frágil acordo não evitou que as partes beligerantes continuassem o confronto bélico, ainda que de baixa intensidade, exigindo uma nova ronda negocial, que deu origem, em 12 de fevereiro de 2015, aos acordos Minsk II. Esta nova versão, mediada por França e Alemanha naquele que seria denominado formato da Normandia, e validada por todas as partes anteriores incluía, para além de um cessar-fogo imediato, a retirada do teatro de operações de toda a artilharia pesada, a libertação de prisioneiros e a retirada de todas as tropas estrangeiras de território ucraniano (Allan, 2020).

O conflito permaneceria num estado de congelamento até 2022, ainda que com ataques híbridos recorrentes, em solo ucraniano, nomeadamente nas áreas da cibersegurança e do controlo de infraestruturas críticas, bem como de violações mútuas do cessar-fogo previamente acordado (Marahrens & Schröfl, 2024).

Em 2019, Volodymyr Zelensky é eleito presidente da Ucrânia, anunciando de imediato a intenção de colocar um ponto final no conflito na região do Donbass. Um ano depois, aprova uma nova estratégia de segurança nacional, na qual se caracteriza a Federação Russa como país agressor, identificando a adesão à NATO como um dos objetivos-chave da política externa e de Defesa da Ucrânia (Szeligowski, 2020).

Depois de dois anos de escalada na retórica antagonista de ambos os países, a Federação Russa inicia, no outono de 2021, a projeção de tropas e material para as regiões fronteiriças a norte e leste e sul da Ucrânia. Em dezembro desse ano, mais de 100.000 militares encontravam-se estacionados ou em manobras militares, quer na fronteira norte, na Bielorrússia, quer a leste e a sul, a partir da península da Crimeia (Ignatov, 2021).

Neste contexto de persuasão belicista, foi então proposto, pela Federação Russa, aos EUA, a 17 de dezembro de 2021, um tratado bilateral que proporcionasse garantias de segurança a ambos os países. Este documento pressupunha, entre outras exigências, que os EUA se abstivessem de promover a expansão da NATO para Leste, negando o acesso à Aliança de qualquer Estado pertencente à antiga URSS. Exigia ainda que os EUA se abstivessem de estabelecer quaisquer bases militares em territórios de Estados da antiga URSS não pertencentes à NATO, ou de usufruir de qualquer infraestrutura já existente. A

assinatura deste tratado pressupunha ainda que não fosse desenvolvida, com estes países, qualquer cooperação no domínio militar. No capítulo nuclear, estabelecer-se-ia uma exigência de retorno de todas as armas nucleares a solo de cada uma das partes, a proibição de destacar este tipo de armamento para países terceiros e o treino de pessoal na sua utilização, em países sem esta capacidade militar (Tuygan, 2022).

A resposta formal, dada pelos EUA e NATO, a 26 de janeiro de 2022, refutou liminarmente qualquer assinatura de tratado, remetendo para os acordos de Minsk a resolução de quaisquer conflitos em solo ucraniano e instando a Rússia a diminuir de imediato a tensão militar nas regiões limítrofes deste país. Identificou o Conselho NATO-Rússia como o canal privilegiado para a continuação do diálogo acerca das relações entre estas duas entidades, nele englobando os tópicos de redução do risco, transparência e controlo de armamento. No capítulo da Segurança Europeia, o documento identificou a necessidade de que a Rússia retirasse todas as suas forças dos territórios da Ucrânia, Geórgia e Moldávia onde, segundo o seu ponto de vista, permaneceriam estacionados contingentes militares sem o consentimento das autoridades políticas destes países (Kacprzyk, 2022).

Face à não aceitação, por qualquer das partes, de nenhum dos documentos apresentados e das exigências neles contidas, a 21 de fevereiro de 2022, a Federação Russa reconhece, unilateralmente, as autoproclamadas Repúblicas de Donetsk e Luhansk. Em resposta, alguns líderes ocidentais decidem aplicar, de imediato, sanções económicas a instituições financeiras russas (Zaręba, 2022).

Três dias depois, na madrugada de 24 de fevereiro de 2022, o presidente Vladimir Putin, dá ordem para que a Rússia dê início a uma operação militar especial em solo ucraniano, que se traduziu na maior invasão terrestre de um país soberano, no continente europeu, desde a Segunda Guerra Mundial, e que permanece em curso à data de redação deste trabalho de investigação.

2.1.2 Arquitetura de segurança europeia

A combinação dos vocábulos arquitetura e segurança tem sido, política e academicamente, recorrentemente utilizada ao longo das últimas décadas, quando se deseja caracterizar a evolução e desenvolvimento da estrutura do continente europeu, nas suas dimensões geográfica, financeira, diplomática, política e, muito particularmente, militar.

Os exemplos mais paradigmáticos destas referências reportam-se naturalmente a acontecimentos extraordinariamente disruptivos ou de profunda alteração da ordem estabelecida, casos dos eventos de 1989 que levaram à reunificação das Repúblicas Federal

e Democrática da Alemanha, o desmantelamento da URSS, a fragmentação da Jugoslávia em 1991, a anexação russa da península da Crimeia em 2014 ou mais recentemente, em fevereiro de 2022, a invasão russa do leste da Ucrânia.

Apesar do seu uso generalizado, não tem existido particular preocupação na precisão da sua definição que, não raras vezes, se tem fundido com uma miríade de outros conceitos, como "regime de segurança", caracterizado como uma estrutura regulativa do exercício de poder (Ditrych, 2018), uma visão simplista do comportamento e postura de Nações e Estados (Jervis, 1982), ou simplesmente um estado de ausência de guerra, em determinada comunidade ou grupo de comunidades, cujas regras e normas são aplicadas no sentido de restringir a beligerância entre si, uma vez que se assume uma reciprocidade belicista (Acharya, 2014). Por vezes, a sua conceptualização é ainda estreitamente relacionada com a ideia de "ordem de segurança", como parte, usualmente contestada, da alargada ordem internacional (Raik, 2019).

O conceito de arquitetura de segurança, aplicado à Europa, tem sido também vulgarmente associado com a NATO e a UE, como parte de uma ordem política liberal contemporânea (Hyde-Price, 2014). Não raras vezes é visto como uma combinação de elementos organizacionais, de alianças ou de mecanismos de controlo armamentista (Schmitt, 2018), mas também como caracterizador do equilíbrio relativo de capacidades e práticas securitárias entre instituições regionais (Buzan & Waever, 2009). Quando assume uma dimensão espacial, o conceito de arquitetura de segurança europeia é frequentemente utilizado na caracterização das áreas de fronteira entre a NATO e a Federação Russa (Measheimer, 2016), normalmente estabilizadas através de acordos e tratados (O'Hanlon, 2017). Esta conceptualização está consonante com as propostas políticas que visaram a revisão dos tratados de segurança europeus, particularmente as promovidas por dirigentes russos ao longo das últimas duas décadas, exemplo das realizadas por Dmitri Medvedev, em 2008, e, mais recentemente, no prelúdio da invasão russa da Ucrânia, em 2021, por Vladimir Putin. No primeiro exemplo, é construída uma conceptualização de arquitetura de segurança, tendo por base a Carta de Segurança Europeia, assinada em 1999, em Istambul, sob a égide da OSCE, na qual são englobadas instituições, alianças, princípios e aproximações conducentes a um ideal holístico de segurança (Zagorski, 2010). Já o segundo exemplo ficará para sempre relacionado com as exigências legais, requeridas pelo presidente russo, de limitação da expansão da NATO para Leste, bem como a permanência de tropas aliadas em quaisquer países pertencentes à antiga URSS que não integrassem, à data, a Aliança

Atlântica. Este conjunto de propostas, inaceitáveis pelo Ocidente, a serem aceites, provocariam a efetiva desmilitarização desta região da Europa, conduzindo a uma reformulação da ordem estabelecida, neste caso favorável à esfera alargada da russofonia (Pifer, 2021).

A definição de arquitetura de segurança europeia considerada mais apropriada, no âmbito deste trabalho, adaptada do ideal conceptual da Carta de Paris de 1990 da OSCE, estabelece-se assim como parte de uma ampla ordem regional, extensível a todo o continente europeu, e que diz respeito à gestão interligada da estratégia de segurança entre Estados e Instituições, cujos interesses de segurança nacional, aplicados à Europa, poderão potencialmente colidir entre si, se considerados isoladamente.

2.2 Modelo de Análise

O desenvolvimento desta investigação foi alicerçado no modelo de análise apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Modelo de Análise.

<table>
<tr><th colspan="7">TEMA: Guerra na Ucrânia e a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia</th></tr>
<tr><td>Objetivo Geral</td><td colspan="6">Apreciar a forma como a guerra na Ucrânia influencia a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia.</td></tr>
<tr><td>Questão Central</td><td colspan="6">De que forma a guerra na Ucrânia influencia a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia?</td></tr>
<tr><th>Objetivos Específicos</th><th>Questões Derivadas</th><th>Conceitos</th><th>Dimensões</th><th>Indicadores</th><th>Técnica de recolha de dados</th></tr>
<tr><td rowspan="7">OE1
Analisar o papel dos principais atores geopolíticos face à guerra na Ucrânia.</td><td rowspan="7">QD1
Como se caracteriza o papel dos principais atores geopolíticos face à guerra na Ucrânia?</td><td rowspan="7">Guerra na Ucrânia</td><td>Militar</td><td>Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano</td><td rowspan="7">Análise documental, de entrevistas, discursos e artigos de opinião de líderes políticos e individualidades relevantes.</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Diplomático</td><td>Posição da NATO</td></tr>
<tr><td>Posição da UE</td></tr>
<tr><td>Posição da China e dos EUA</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Económico</td><td>Sanções económicas à Federação Russa</td></tr>
<tr><td>Comportamento das Economias</td></tr>
<tr><td>Evolução da despesa militar</td></tr>
<tr><td rowspan="6">OE2
Analisar o impacto dos possíveis desfechos da guerra na Ucrânia na arquitetura de segurança europeia.</td><td rowspan="6">QD2
Qual o impacto dos possíveis desfechos da guerra na Ucrânia na arquitetura de segurança europeia?</td><td rowspan="3">Guerra na Ucrânia</td><td>Militar</td><td>Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano</td><td rowspan="6">Análise documental, de entrevistas, discursos e artigos de opinião de líderes políticos e individualidades relevantes.</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Diplomático</td><td>Posição da Rússia</td></tr>
<tr><td>Posição da Ucrânia</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Arquitetura de segurança europeia</td><td>Posição das instituições europeias</td></tr>
<tr><td>Económico</td><td>Economia dos Estados</td></tr>
</table>

3. Metodologia e método

3.1 Metodologia

Metodologicamente, a presente investigação caracteriza-se por um(a):

– Raciocínio de tipo indutivo (Santos & Lima, 2019, p. 18);

– Estratégia de investigação qualitativa (Santos & Lima, 2019, pp. 27-29) com recurso à revisão da literatura para estudar os conceitos estruturantes, à análise de conteúdo das respostas às entrevistas semiestruturadas que foram realizadas e à análise de declarações, entrevistas e discursos providenciados pelos principais atores geopolíticos com influência na Guerra da Ucrânia;

– Desenho de pesquisa do tipo de estudo de caso (Santos & Lima, 2019, pp. 36-37), centrado na Guerra na Ucrânia, e dispondo-se a estudar a sua influência na reconfiguração da arquitetura de segurança europeia.

3.2 Método

3.2.1 Participantes e procedimento

Participantes. Integraram a presente investigação, na qualidade de entrevistados, um total de 18 especialistas de diversas áreas do conhecimento, com destaque para as dimensões económica, militar e política, e foram analisadas declarações, discursos e entrevistas de 40 atores políticos com influência na reconfiguração da arquitetura de segurança europeia[7].

Procedimento. Os potenciais entrevistados foram previamente contactados e indagada a sua disponibilidade para integrar este estudo, tendo posteriormente sido coordenada a consecução das entrevistas. Relativamente à análise de declarações, entrevistas e discursos de atores políticos, foram, no período de dezembro de 2024 a fevereiro de 2025, exaustivamente consultados os meios de comunicação social de referência, nacionais e internacionais.

3.2.2 Instrumento de recolha de dados

Foram elaborados guiões de entrevista semiestruturada, adaptados aos especialistas das várias áreas do conhecimento (Apêndice B), através de amostra não aleatória intencional, de modo a maximizar o retorno do conhecimento transmitido.

3.2.3 Técnicas de análise dos dados

A análise de conteúdo das respostas às entrevistas semiestruturadas contribuiu para que se pudesse, cabalmente, apreciar a influência da Guerra na Ucrânia na reconfiguração

[7] Vide Tabela 1 do Apêndice C.

da arquitetura de segurança europeia. Foram ainda incluídos, de igual modo, os contributos recolhidos pelas declarações, discursos e entrevistas providenciados pelos atores geopolíticos selecionados, em todo este processo[8], tendo para tal sido utilizada a análise de conteúdo preconizada por Laurence Bardin (Bardin, 1977).

[8] Vide tabelas 2 e 3 do Apêndice C.

4. Posição dos principais atores geopolíticos face à Guerra na Ucrânia

A postura dos principais atores geopolíticos mundiais, face ao conflito russo-ucraniano, tem sido caracterizada pela polarização de posições, quer em apoio à Ucrânia, quer à Federação Russa. Dir-se-á mesmo que, mesmo nos casos em que os Estados, Instituições e organismos internacionais argumentam neutralidade e equidistância, de algum modo, direta ou indiretamente, privilegiam as narrativas de um dos campos do conflito. No contexto da influência que estes atores poderão ter, face à Guerra na Ucrânia, na reconfiguração da arquitetura de segurança europeia, é analisada a posição de cada um, isoladamente, de modo a cabalmente responder ao anseio da QD1.

4.1 Organização para a Segurança e Cooperação na Europa

A OSCE tem, historicamente, desempenhado um papel significativo na arquitetura de segurança europeia. No entanto, o progressivo esvaziamento das suas funções tradicionais de mediação e monitorização, catalisado pelo abandono das duas superpotências dos tratados *Open Skies*[9] e de armas convencionas na Europa[10], tem relegado esta instituição para um plano de secundarização face ao desenrolar do conflito russo-ucraniano (Kertysova, 2021). Em 2025, a presidência finlandesa da organização pretende inverter esta tendência e revigorar a OSCE como instituição de referência no diálogo e diplomacia euro-atlântica (OSCE, 2025).

4.1.1 Papel de mediação, diálogo e monitorização

A OSCE atuou, primariamente, como mediadora e observadora no conflito na Ucrânia, com especial ênfase no período após a anexação da península da Crimeia e de parte do Donbass, em 2014 (OSCE, 2016).

Promoveu, enquanto estes canais permaneceram abertos[11], diálogos multilaterais, onde se incluíram Rússia, Ucrânia e representantes das províncias separatistas ucranianas, naquele

[9] O tratado *Open Skies* foi implementado a 1 de janeiro de 2002, com o intuito de que cada Estado-membro pudesse efetuar voos de reconhecimento não armado sobre o território de outro Estado-membro, de modo a recolher informações sobre atividades militares e posicionamento de forças. Os EUA abandonaram o acordo em novembro de 2020 e a Rússia em dezembro de 2021, restando 32 Estados-membros ativos.

[10] Negociado no final da Guerra Fria, o *Conventional Armed Forces in Europe (CFE) Treaty,* é considerado a pedra basilar da Segurança Europeia. Assinado a 19 de novembro de 1990, permitiu suprimir a vantagem numérica de forças convencionais da URSS em território europeu, através da equalização do número de armas que poderiam ser destacadas, pela NATO e Pacto de Varsóvia, entre o Atlântico e os Montes Urais. A Rússia abandonou formalmente o tratado a 7 de novembro de 2023, tendo os EUA e os aliados da NATO suspendido a participação um mês depois.

[11] A 2 de setembro de 2022, o presidente da Ucrânia revogou o decreto que estabelecia a composição da delegação ucraniana no grupo de contacto trilateral, entre a OSCE, Rússia e Ucrânia, que procurava uma resolução diplomática para o conflito no *Donbass*.

que ficou conhecido como o grupo de contacto trilateral (OSCE, 2015). Este grupo viria a evoluir, como anteriormente referido, para o formato da Normandia, com a inclusão da mediação de França e Alemanha (Lohsen *et al*, 2022). A OSCE assumiu um papel preponderante na implementação dos acordos de Minsk, daí advindos, na tentativa de se encontrar uma solução pacífica para o conflito. Foi responsável pela monitorização, no terreno, do cumprimento dos termos dos acordos, onde se incluiu o cessar-fogo, a retirada de armamento dos territórios beligerantes e a realização de eleições regionais livres (OSCE, 2017). Esta missão especial de monitorização cessaria a sua atividade em março de 2022, após a invasão russa.

4.2 North Atlantic Treaty Organization

O papel da NATO na Guerra na Ucrânia, bem como o seu impacto na arquitetura de segurança europeia, tem sido marcado pelo apoio estratégico à Ucrânia e, simultaneamente, pelo aumento do fator de dissuasão contra eventuais anseios expansionistas russos para qualquer território dos seus Estados-membros (A. Baltazar, entrevista por *e-mail*, 14 de fevereiro de 2025).

4.2.1 Programa de assistência alargado à Ucrânia, de caráter não letal

A NATO, enquanto organização, continua a não fornecer qualquer tipo de assistência letal à Ucrânia. Contudo, tem sido fundamental na coordenação da cadeia logística, fornecimento de informações de combate e treino de militares ucranianos, em resposta à invasão russa (North Atlantic Treaty Organization [NATO], 2024a).

Através do programa *Comprehensive Assistance Package,* tem fornecido equipamentos de uso geral, veículos, combustível, equipamentos de deteção e proteção contra ataques de cariz nuclear, radiológico, biológico e químico, equipamentos de desminagem, anti-drone e de comunicações (NATO, 2025).

A cimeira de Washington, em julho de 2024, reforçou o comprometimento da Aliança Atlântica no apoio à Ucrânia, na resistência à invasão russa (M. Rutte, declaração em Davos, 22 de janeiro de 2025). Nesta cimeira, foi decidido reforçar o programa de assistência plurianual à Ucrânia, dando ênfase às áreas da interoperabilidade, através da gradual transição do padrão soviético para o padrão NATO; nas lições aprendidas, através da criação do *NATO-Ukraine Joint Analysis, Training and Education Centre* na Polónia; na recuperação e reconstrução de infraestruturas; na desminagem; na reforma do sistema de contratualização de serviços e equipamento; na reabilitação de militares feridos e, por

último, na inovação (NATO, 2024b).

Da maior relevância foi ainda a criação do programa *NATO Security Assistance and Training for Ukraine*, materializado numa nova estrutura de Comando, com sede em Wiesbaden, responsável por planear, coordenar e providenciar assistência na área da defesa, de modo a garantir o sucesso do esforço de defesa ucraniano, face à agressão russa (M. Elviss, declaração em Davos, 22 de janeiro de 2025). O nível de ambição de recursos humanos para a prossecução deste objetivo ronda os 700 militares, que se focam em três áreas primordiais de atuação: supervisionar o treino das forças armadas ucranianas em território de países aliados; providenciar apoio ao desenvolvimento sustentado das forças armadas da Ucrânia; apoiar a Ucrânia através do planeamento, coordenação das doações de parceiros e aliados, transferência de material e reparação de equipamentos (Supreme Headquarters Allied Powers Europe [SHAPE], 2024).

4.2.2 Importância da NATO na arquitetura de segurança europeia

O advento do conceito *Defence and Deterrence of the Euro-Atlantic Area (DDA)*[12] acelerou o processo de transformação da Aliança Atlântica, face à necessidade de responder às emergentes ameaças internacionais. A incorporação da Suécia e Finlândia permitiu, em paralelo, reforçar as fronteiras do flanco Nordeste e de toda a região dos Bálticos, em função dos desafios geoestratégicos colocados pelo exclave de Kaliningrado. Por oposição à declaração de morte cerebral, anunciada por Emmanuel Macron em 2018, a NATO revelou ser, após a invasão da Ucrânia, o pilar fundamental da segurança europeia, garantindo a inviolabilidade das fronteiras dos seus Estados-membros (F. Dionísio, entrevista por *e-mail*, 23 de fevereiro de 2025).

Em súmula, a NATO tem vindo a desempenhar um papel crucial na contenção da Rússia, através do apoio direto à Ucrânia, consolidando-se como um pilar da segurança europeia (V. Hilário, entrevista por *e-mail*, 27 de fevereiro de 2025).

4.3 União Europeia

A posição da UE tem sido marcada por um forte apoio à Ucrânia, desde o primeiro dia da invasão russa (A. Cabral, entrevista por *e-mail*, 23 de fevereiro de 2025). Através da diplomacia ativa, da imposição de sanções económicas à Rússia (F. Leitão, entrevista por *e-mail*, 9 de fevereiro de 2025) e da concessão de apoio financeiro ao esforço de guerra

[12] Criado em 2020, o conceito DDA consiste num conjunto de planos multidomínio em terra, mar, ar, espaço e ciberespaço que, de forma interconectada, asseguram a prontidão da NATO para qualquer desafio contemporâneo.

ucraniano[13], os 27 Estados-membros têm mantido uma aparente coesão, marcada ao longo destes três anos por algumas vozes dissidentes deste pensamento comum, casos da Hungria, que abertamente se opõe às sanções à Federação Russa e, mais recentemente, da Eslováquia, discordante da política de restrições energéticas a que tem sido votada, fruto da inoperância dos canais de distribuição de gás russo (V. Orban, entrevista em Budapeste, 17 de janeiro de 2025; R. Fico, discurso em Bratislava, 14 de fevereiro de 2025).

Reiteradamente, a UE refere que a invasão russa da Ucrânia não foi precedida por qualquer ato provocatório, violando os princípios da soberania, autodeterminação e integridade territorial deste país. Traça um paralelismo entre este conflito e a ameaça da base moral de toda a comunidade internacional, na convicção que tolerar o ato de violação territorial constituiria uma ameaça para a própria UE (A. Costa, discurso em Bruxelas, 12 de janeiro de 2025).

Ao longo dos três anos de conflito, a UE tem mantido uma posição de incondicional apoio ao esforço de guerra ucraniano, de modo a que se consiga alcançar uma paz justa e duradoura, nos termos decididos pela Ucrânia (K. Kallas, declaração em Munique, 14 de fevereiro de 2025).

4.3.1 Opções geoestratégicas e de Defesa

A UE manifesta uma vontade expressa em alargar a sua esfera de influência à Ucrânia, Moldávia e aos Balcãs, como modo de investimento geoestratégico na segurança europeia.

Os Estados-membros consideram que, no capítulo da Defesa, a materialização do conceito "*Europe of Defence*" será fulcral para responder às ameaças emergentes, através dos pilares das capacidades, do financiamento e das parcerias (A. Costa, discurso em Munique, 14 de fevereiro de 2025).

No capítulo das capacidades, está a ser explorada a anulação de fragilidades identificadas pelos Estados-membros, através do recurso à indústria de defesa nacional e à *European Defence Agency*, sempre em coerência com as necessidades da NATO (V. Hilário, *op. cit.*). Os exemplos mais paradigmáticos serão as áreas de defesa aérea, defesa antimíssil, produção de munições e mobilidade estratégica (A. Kubilius, discurso em Bruxelas, 22 de janeiro de 2025).

No capítulo do financiamento, apesar do aumento, no último triénio, de 30% em

[13] Até fevereiro de 2005, os países europeus tinham disponibilizado 134 mil milhões de euros em apoios diretos à Ucrânia.

investimento comum em Defesa e de 23 dos países da União, também pertencentes à NATO, já ultrapassarem 2% do seu PIB em investimento anual neste setor, a UE está a explorar novas possibilidades de flexibilização das suas regras financeiras, a cumprir pelos Estados, de modo a que possam investir ainda mais em Defesa (U. Leyen, declaração em Davos, 21 de janeiro de 2025).

A UE considera indispensável o reforço da parceria estratégica com a NATO, como fator fundamental da arquitetura de segurança euro-atlântica, com especial ênfase nas áreas da cooperação operacional, ciberdefesa e cibersegurança, ameaças híbridas, pesquisa e desenvolvimento na indústria de Defesa, exercícios coordenados, capacitação de entidades e diálogo político (European Council, 2025).

Relevante será ainda o facto de a UE ter a sua própria Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD) que prevê, através do seu artigo 42.º, n.°7, uma provisão de defesa mútua, semelhante ao artigo 5º da NATO. Num improvável, mas possível cenário de conflito em larga escala na Europa, sem o envolvimento dos EUA, é expectável que a Europa evolua, conceptual e materialmente, para uma arquitetura de segurança similar à da Aliança Atlântica, com especial ênfase na implementação de uma efetiva estrutura de Comando e Controlo das suas forças (L. Tomé, declaração no IUM, 12 de março de 2025).

4.3.2 A Bússola Estratégica

A criação do conceito de Bússola Estratégica remonta a maio de 2022, data da adoção, pelo Conselho Europeu, do documento enquadrador redigido meses antes pelo Serviço de Ação Externa da UE[14], como reação imediata à invasão da Ucrânia pela Federação Russa. Caracteriza-se como um ambicioso plano de ação que visa, até final da década, o fortalecimento da política de segurança e defesa da EU, ambicionando transformá-la numa entidade mais forte e capaz de, autonomamente, projetar segurança na sua esfera de influência (A. Cruz, entrevista por *e-mail*, 10 de fevereiro de 2025).

A bússola estratégica está estruturada em quatro pilares: ação, investimento, parcerias e segurança. Relativamente à Guerra na Ucrânia, a Bússola Estratégica foi amplamente utilizada, pelo transversal recurso às ferramentas ao dispor dos quatro pilares, de modo a fornecer, em tempo útil, equipamento letal e não-letal essencial à defesa do território ucraniano, bem como providenciar treino técnico e de combate a mais de 40.000 militares

[14] O Serviço de Ação Externa Europeu é o organismo diplomático encarregue da execução das relações internacionais da UE, destacando-se a Política Externa de Segurança Comum e PCSD.

ucranianos. Almeja, no final do primeiro semestre de 2025, atingir os 60.000 militares formados.

No que respeita à arquitetura de segurança europeia, relevam-se, no pilar das parcerias, as medidas de fortalecimento dos laços com a NATO, Nações Unidas, OSCE e, regionalmente, com países dos Balcãs.

Por último, importa destacar que, conceptualmente, a UE possui vários instrumentos que, ao abrigo da PCSD, poderão vir a ser utlizados no processo de resolução do conflito na Ucrânia. Ao abrigo das missões de Petersberg, incorporadas no quadro da PCSD, a UE poderá executar missões de manutenção de paz, de modo a monitorizar um possível cessar-fogo ou armistício. Para a consecução deste desiderato, poder-se-ão ativar os *European Union Battlegroups*[15] ou a recentemente criada *European Union Rapid Deployment Capacity*, que permitirá aumentar a capacidade de destacamento para 5.000 militares.

4.4 Organização das Nações Unidas

A ONU tem tido, nos últimos três anos, uma aproximação multifacetada face ao conflito russo-ucraniano, caracterizada, por um lado, pela condenação à agressão russa, pelos esforços de apoio humanitário às populações afetadas e pela vocalização da necessidade de cumprimento das regras e leis internacionais, mas, por outro, completamente inoperante na sua efetiva implementação, face ao poder de veto, quer russo, quer americano, membros permanentes do Conselho de Segurança deste organismo (P. Reis, entrevista por *e-mail*, 25 de fevereiro de 2025).

4.4.1 Atos de condenação e resoluções

A Assembleia-Geral adotou múltiplas resoluções, sempre com ampla maioria de países a favor[16], condenando a invasão russa de território ucraniano e solicitando a imediata retirada das tropas de Moscovo dos territórios ocupados. Contudo, este sentimento global nunca foi acompanhado de resoluções vinculativas, dado o poder de veto da Federação Russa no Conselho de Segurança, tendo já bloqueado, neste período, mais de quarenta iniciativas a

[15] O conceito de *European Union Battlegroups* foi implementado a 1 de janeiro de 2007 e refere-se a unidades militares terrestres dos Estados-membros, constituídas por 1500 combatentes que, no âmbito da PCSD da UE, se colocam em permanente prontidão para destacar, operacionalmente, em nome desta organização. Portugal liderará esta força, no segundo semestre de 2025, através da Brigada Mecanizada.

[16] A 2 de março de 2022, uma semana depois do início da invasão, a assembleia geral das Nações Unidas votou a resolução ES-11/1, confirmada com 141 votos a favor, 5 contra e 35 abstenções, condenando veementemente a invasão e exigindo a retirada das forças armadas russas do território ucraniano.

este respeito.

4.4.2 Esforços humanitários e diplomáticos

O Secretário-Geral da ONU tem recorrentemente apelado à paz, ao diálogo e ao respeito pela Carta das Nações Unidas[17] (A. Guterres, discurso em 23 de fevereiro de 2025). Foi o principal mediador da iniciativa dos cereais do mar Negro onde, em conjunto com a Turquia, conseguiu manter as exportações de cereais ucranianos por via marítima, aliviando, desta forma, a escassez deste bem de primeira necessidade no mercado global de alimentos (United Nations, 2023).

No capítulo das ajudas humanitárias, destacam-se os esforços interagências, realizados pelo Gabinete de Coordenação dos assuntos humanitários, pelo alto comissariado para os direitos humanos e pelo fundo internacional de emergência para as crianças que, em conjunto, mobilizaram mais de cinco mil milhões de euros para ajuda alimentar, medicamentosa e refúgio domiciliário a deslocados e refugiados ucranianos, tanto na Ucrânia como nos países de acolhimento.

4.4.3 Medidas legais e de responsabilização

O tribunal internacional de justiça, órgão pertencente às Nações Unidas, com sede em Haia, emanou, a março de 2022, uma ordem de cessação das atividades militares russas na Ucrânia. Pela mesma razão, o Conselho dos Direitos Humanos estabeleceu em 2022 uma comissão de inquérito, com o intuito de documentar possíveis crimes de guerra neste conflito, advogando que a responsabilização dos perpetradores se execute através dos Tribunal Criminal Internacional. Todas estas iniciativas têm-se revelado, até ao momento, infrutíferas, pela difícil materialização de qualquer medida de pressão a um membro permanente do Conselho de Segurança.

4.5 China

A posição chinesa face ao conflito russo-ucraniano é oficialmente neutra, privilegiando a procura de soluções diplomáticas para o conflito e abstendo-se de interferência direta no mesmo (A. Baltazar, *op. cit*). Contudo, as suas ações, ao longo dos últimos três anos, demonstram uma profunda ambiguidade diplomática, tentando equilibrar os laços estratégicos com a Federação Russa e os seus próprios interesses, na esfera de

[17] A Carta das Nações Unidas constituiu-se como o documento fundamental desta organização, definindo como missão primordial a paz, segurança, respeito pela lei internacional, aumento do bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos e a observância dos direitos e liberdades fundamentais de todos os seres humanos.

influência global (A. Mateus, entrevista por *e-mail*, 15 de fevereiro de 2025, A. Cruz, *op. cit*.). Se, por um lado, advoga a busca de uma solução pacífica, por outro, evita a todo o custo o isolamento da Rússia, especialmente no plano económico, beneficiando da aquisição de bens e serviços russos a preços competitivos (F. Leitão*, op. cit*.). Simultaneamente, utiliza este conflito para criticar abertamente a política hegemónica dos EUA, tentando enfraquecer a liderança unilateral deste país, no século XXI, e procurando, em alternativa, projetar uma visão de nova ordem mundial pós-americana, onde a China emerja como líder natural de um novo mundo multipolar (A. Cruz, *op. cit*.).

4.5.1 Princípios da soberania, integridade territorial, diálogo pela paz

A China tem expressado respeito pela soberania ucraniana, mas evitando a condenação explícita da invasão do seu território por parte da Rússia, com a justificação de que o conflito tem um contexto histórico extraordinariamente complexo (Xi Jinping, declaração em Pequim, 12 de dezembro de 2024[18]).

Tem instado as partes a procurar negociações que conduzam a um cessar-fogo, embora fazendo eco, no seu entender, de legítimas preocupações de segurança russas, numa clara alusão à expansão da NATO ao Leste europeu (Wang Yi, declaração em Pequim, 26 de novembro de 2024[19]). Os meios de comunicação estatais chineses têm, nesta linha de pensamento, caracterizado esta guerra como *proxy conflict*[20]*,* alimentado pela hegemonia americana e pela NATO (Hanley & Yangdan, 2024).

4.5.2 Parceria estratégica com a Rússia e iniciativas diplomáticas

A China anunciou, nos dias que antecederam a invasão, uma parceria estratégica sem limites com a Federação Russa. Desde então, tem mantido uma robusta cooperação económica, com especial ênfase na importação de combustíveis fósseis e transferência de bens e tecnologia de duplo uso, civil-militar, ainda que contrariando quaisquer alegações de apoio indireto ao esforço de guerra russo (Wang Yi, *op. cit*.).

Em fevereiro de 2023, sugeriu um plano de paz para o conflito, onde se incluía um cessar-fogo, conversações multilaterais e levantamento de sanções. Este plano foi, desde a sua génese, criticado pelo Ocidente pela ausência de ações concretas e por alegado favorecimento russo, dada a não exigência de retirada das tropas invasoras (Bekkevold,

[18] A declaração do presidente da China pode ser consultada em https://www.uscc.gov/research/chinas-position-russias-invasion-ukraine.

[19] A declaração do Ministro dos Negócios Estrangeiros da China pode ser consultada em https://www.uscc.gov/research/chinas-position-russias-invasion-ukraine.

[20] *Vide* Apêndice 1 – Corpo de conceitos.

2023).

4.6 Estados Unidos da América

A posição dos EUA face à Guerra na Ucrânia pode ser dividida em dois momentos distintos, um primeiro associado à administração Biden e, outro, radicalmente antagonista, desde 20 de janeiro de 2025, com o advento do mandato presidencial de Donald Trump (A. Cruz, *op. cit*., P. Reis, *op. cit*).

4.6.1 Período de presidência de Joseph Biden Jr.

Desde as primeiras horas da invasão russa, os EUA mostraram um firme apoio à Ucrânia, criticando abertamente a agressão russa e invasão ilegal do território ucraniano. Foi amplamente declarado e repetido, desde a primeira hora, que os EUA apoiariam a Ucrânia durante o tempo que fosse necessário.

Iniciaram, desde logo, o fornecimento de ajuda militar, tornando-se o maior contribuidor para o esforço de guerra ucraniano, através da transferência de armamento terrestre, antiaéreo e marítimo, na partilha de informações, mas também de ajuda económica e humanitária, que ajudou a sustentar o esforço governamental de defesa ucraniano, face à agressão russa (V. Hilário, *op. cit*).

À data de 20 de janeiro de 2025, os EUA tinham fornecido à Ucrânia 65,9 mil milhões de dólares em apoio direto, após a invasão de fevereiro de 2022, a que se somam 69,2 mil milhões de dólares em ajuda, desde a invasão inicial de 2014. Em 55 ocasiões, desde agosto de 2021, foi usado o mecanismo *Emergency Presidential Drawdown Authority*[21] para providenciar ajuda militar, diretamente dos *stocks* americanos de armamento, no valor de 27,7 mil milhões de dólares (US Department of State, 2025).

4.6.2 Período de presidência de Donald Trump

Donald Trump anunciou, na sua campanha eleitoral, a vontade e capacidade de condicionar a cessação das hostilidades entre Rússia e Ucrânia, num curto espaço de tempo.

De facto, menos de um mês depois de ter assumido a presidência dos EUA, iniciou conversações com Vladimir Putin, tendo anunciado ser irrealista o regresso às fronteiras pré-2014, bem como qualquer aspiração ucraniana de entrada na NATO. Esta posição marca o regresso a uma política neorrealista, onde a força *faz* o direito, e onde o direito não mais

[21] A *Emergency Presidential Drawdown Authority,* introduzida pelo *Foreign Assistance Act*, de 1961, concede ao presidente dos EUA autoridade de ordenar a cedência de parte das reservas de armamento nacionais, para responder a crises internacionais.

condiciona a força (A. Telo, declaração no IUM, 7 de março de 2025).

O Secretário da Defesa, em linha com o chefe de Estado, declarou que os EUA passariam a focar a sua atenção na defesa do seu território e na região Ásia-Pacífico, relegando a defesa da Europa para os Europeus (L. Escorrega, entrevista por e-mail, 28 de fevereiro de 2025).

A retórica do presidente americano aumentaria de tom a partir de meados de fevereiro, com acusações de ilegitimidade presidencial ucraniana e com a proposta de acordo de cedência de matérias-primas de território ucraniano, como compensação direta da ajuda militar e financeira já concedida pelo governo americano, ao longo dos três anos de conflito. O discurso de afastamento da causa ucraniana continuaria até final de fevereiro, com a declaração de que a Ucrânia deveria esquecer a entrada na NATO, pois essa teria sido a razão principal da existência da guerra (D. Trump, declaração em Washington DC, a 26 de fevereiro de 2025).

Simultaneamente, foram promovidas duas rondas negociais entre delegações russas e americanas (em Riade, a 18 de fevereiro e Istambul, nove dias depois), que tiveram o condão de reatar as relações diplomáticas entre as duas superpotências, bem como de iniciar conversações conducentes à resolução do conflito russo-ucraniano.

A 28 de fevereiro de 2025, data de conclusão da análise deste trabalho de investigação, Trump recebeu, na Casa Branca, o seu homólogo ucraniano, naquela que seria uma visita de Estado com o propósito da assinatura final do acordo de cedência de minerais e matérias-primas da Ucrânia aos EUA. Ao invés, o mundo assistiu a uma antagonística confrontação verbal, que gorou qualquer intuito conciliador das posições ucraniana e americana, bem como a assinatura do acordo.

4.7 Caracterização do papel dos principais atores geopolíticos face à guerra na Ucrânia

Em resposta à QD1, fica patenteada a posição favorável à causa ucraniana, demonstrada pela NATO, União Europeia e ONU, embora esta última limitada pelo bloqueio russo no seu conselho de segurança.

No capítulo da neutralidade, estabelecem-se a OSCE e a China, embora esta última de forma diplomaticamente ambígua.

Quanto aos EUA, viveram um momento de apoio declarado à Ucrânia, durante o mandato de Joseph Biden, tendo migrado para uma posição de absoluto pragmatismo

economicista, que busca a cessação das hostilidades à custa da cedência ucraniana, quer territorial quer ideológica, forçando ainda uma neutralidade perene e a assinatura de um acordo de delapidação dos recursos minerais deste país, a seu favor.

5. Análise prospetiva do conflito russo-ucraniano

O conflito russo-ucraniano tornou-se, ao longo dos últimos três anos, uma guerra existencial, tanto para a Ucrânia, como para a sobrevivência do regime de Vladimir Putin. Por esta razão, apesar das enormes perdas humanas e materiais de ambos os beligerantes, do desgaste social e da erosão dos recursos, quer internos quer resultantes de apoio externo, é crível que, nos próximos meses, a Guerra de alta intensidade se mantenha uma realidade.

Será altamente improvável que se assista a um desvio substancial dos objetivos estratégicos de Moscovo de, por um lado, conquistar a totalidade do território das quatro províncias independentistas no Leste da Ucrânia, simultaneamente provocando a sistemática desmilitarização ucraniana e, por outro, garantir um acordo de neutralidade perene aceite pelo governo de Kiev. Por esta razão, quaisquer paralelismos deste conflito com a Guerra de Inverno[22] de 1939, entre Finlândia e Rússia, enfermam à partida de um desvio de perceção identitário de caráter nacionalista que, no caso do leste ucraniano, se funde desde logo com a matriz da russofonia, social, cultural e religiosa. A generalidade da sociedade russa não aceitará, pois, menos que a cedência de territórios ucranianos como prova de vitória e, caso contrário, poderá colocar em causa o elevadíssimo preço, humano e material, resultante da campanha militar.

Mesmo que se venha a conseguir, diplomaticamente, obter uma trégua, esta variável pode não ser suficiente para que cessem as hostilidades. Os falhados acordos de Minsk, de 2014 e 2015, são a prova cabal de que, caso exista margem para interpretação diversa de cada alínea dos acordos firmados, ambos os contendores tenderão a explorar, em seu benefício, as fragilidades dos documentos, tendendo a eternizar o conflito, ainda que em baixa intensidade.

Por outro lado, um acordo duradouro de paz permitirá à Ucrânia suspender a sua lei marcial e introduzir o imprevisível fator eleições numa sociedade extraordinariamente fragmentada e financeiramente depauperada, após três anos de devastador conflito.

5.1 Os cenários possíveis para o conflito russo-ucraniano

Após três anos de conflito de elevada intensidade, maioritariamente em solo ucraniano, quatro cenários, validados pelos entrevistados durante o processo de investigação, se

[22] A Guerra de Inverno ou Russo-Finlandesa, decorreu entre 30 de novembro de 1939 e 13 de março de 1940 e foi causada pela invasão soviética de território finlandês, com alegações de segurança nacional e proteção do espaço vital soviético em redor de Leningrado. Terminou, após centenas de milhares de baixas russas e finlandesas, com o Tratado de Paz de Moscovo e cedência finlandesa de 9% do seu território.

afiguram prováveis para esta Guerra:

- Guerra de longa duração: Neste cenário, continuar-se-á a assistir a um conflito de atrição, visando a exaustão de recursos humanos, materiais e anímicos, de uma das partes beligerantes. A Rússia continuará, em ritmo lento, mas contínuo, a conquistar porções de território das quatro províncias separatistas[23].

- Congelamento do conflito: Neste cenário, as partes acordarão um armistício, imobilizando a linha da frente e permitindo a eventual recuperação do potencial militar de ambos os beligerantes, preparando-os para combates futuros. A Ucrânia permanecerá fiel ao seu intuito de recuperação integral do território, quer por via da força, quer pela via diplomática e, ao invés, a Rússia permanecerá convicta de que as quatro províncias se manterão independentes mantendo, simultaneamente, a ambição de forçar a neutralidade da Ucrânia;

- Vitória da Ucrânia: A Rússia será forçada, por consequência de um amplo reforço da política de apoio técnico-militar dos aliados da Ucrânia, a recuar para a linha de fronteira antes da invasão de 24 de fevereiro de 2022. A retirada das forças russas, especialmente se, em consequência da fragilidade demonstrada, comprometer a ocupação da península da Crimeia, terá consequências políticas devastadoras que poderão levar a reformas profundas das instituições do poder e instabilidade social generalizada. Por sua vez, a Ucrânia usará este ascendente político-militar para acelerar as reformas necessárias à integração na UE e, eventualmente, na NATO;

- Vitória da Rússia: Colapso militar da Ucrânia, por perda do apoio técnico-militar dos aliados ocidentais ou da sociedade, como um todo, com a consequente cedência às exigências da Federação Russa, que incluirá a perda de todo o território das quatro regiões separatistas e da Crimeia e a aceitação de uma permanente neutralidade, do ponto de vista das alianças militares.

5.2 Fatores que condicionarão os cenários

Serão três os principais fatores que poderão influenciar a materialização de qualquer destes cenários:

- O grau de ajuda externa à Ucrânia, por parte dos EUA e países europeus. A substituição do governo democrata por uma nova era republicana, cuja política está centrada

[23] Em 22 de fevereiro de 2025, a Rússia controlava já mais de 75% do território das quatro províncias (Wolkov *et al*, 2025).

quase unilateralmente nas convicções e vontade do seu presidente, Donald Trump, e que provocou uma acentuada aproximação à Rússia, simultaneamente, antagonizando o presidente ucraniano (F. Gomes, entrevista por *e-mail*, 28 de fevereiro de 2025), terá um papel-chave na dimensão da ajuda externa, quer da UE, da NATO, ou através de iniciativas de carácter individual, de países europeus;

- A capacidade da Ucrânia em continuar a dominar a esfera comunicacional no seio da sua sociedade, mantendo um rigoroso controlo da informação, especialmente quanto às perdas humanas e situação na linha da frente e, desta forma, evitando a anomia, manter uma continuada tolerância à mobilização e manutenção da lei marcial no seu país;

- A capacidade da Rússia em continuar a dominar a esfera comunicacional no seio da sua sociedade, através de um rigoroso controlo da informação, nomeadamente quanto às perdas humanas e, deste modo, conseguindo manter a narrativa de ameaça existencial à segurança da Rússia e à proteção da ampla família russófona do leste ucraniano, que originalmente justificou a invasão deste território.

5.3 Análise SWOT[24] realizada a cada um dos cenários

As quatro análises SWOT realizadas colocam-se sempre, e só, do ponto de vista da Segurança Europeia, não estando constrangidas pela ideologia ou motivação de qualquer dos beligerantes. Nelas foram integrados os conceitos de Guerra na Ucrânia e Arquitetura de segurança europeia, sob enquadramento das dimensões militar, diplomática e económica e com análise dos indicadores relativos à dinâmica do conflito militar russo-ucraniano, à posição e estratégia de ambos os beligerantes, à posição dos principais atores geopolíticos com influência no conflito e à economia dos Estados.

5.3.1 Guerra de longa duração:

- Pontos Fortes: i) aumento da capacidade global militar europeia, forçada a investir mais em Defesa, nomeadamente através da Base Tecnológica e Industrial de Defesa Europeia (R. Inácio, entrevista por e-mail, 24 de fevereiro de 2025, L. Escorrega, *op. cit.*), conseguindo projetar, consequentemente, um ideal de dissuasão menos dependente do poderio militar americano (J. Soeiro, entrevista por *e-mail*, 17 de fevereiro de 2025, R. Inácio, *op. cit.*).

- Debilidades: i) perda de uma geração de jovens adultos ucranianos e russos e

[24] Sigla anglo-saxónica agregadora da análise de pontos fortes (*strenghts*), debilidades (*weaknesses*), oportunidades (*opportunities*) e ameaças (*threats*), no processo de planeamento estratégico.

consequências traumatizantes nas populações resultantes do prolongamento indeterminado do conflito (A. Mateus, *op. cit*.); ii) depauperação dos recursos e património dos dois países, para o esforço de guerra (F. Leitão, *op. cit*., A. Cabral, *op. cit*., V. Hilário, *op. cit*.) e destruição generalizada das áreas habitadas da frente de combate (J. Soeiro, *op. cit*.); iii) cansaço das sociedades perante os efeitos nefastos da guerra nos seus modos de vida, gerando indiferença e, a longo prazo, a desmobilização dos líderes políticos (F. Leitão, *op. cit*., J. Mimoso, entrevista por e-mail, 27 de fevereiro de 2025).

- Oportunidades: i) evolução doutrinária dos países europeus que, embora não participando diretamente no esforço de guerra, se adaptarão às lições aprendidas neste conflito, analisando as táticas, técnicas e procedimentos de um potencial adversário, em todas as suas dimensões de atuação (V. Hilário, *op. cit.*); ii) fortalecimento da cooperação militar entre países europeus e NATO (J. Soeiro, *op. cit*.); iii) aprofundamento da PCSD europeia, com o afastamento dos EUA (A. Cruz, *op. cit*.) e necessidade de formalizar um exército comum europeu (P. Rafael, entrevista por e-mail, 26 de fevereiro de 2025).

- Ameaças: i) prolongamento do conflito pode levar a um choque energético, especialmente na Europa de Leste, mais dependente da estrutura de fontes combustíveis fósseis russa, a preços reduzidos (J. Soeiro, *op. cit*.); ii) aumento da probabilidade de escalada do conflito às fronteiras da NATO e de uma guerra à escala global (P. Rafael, *op. cit*., J. Mimoso, *op. cit*.); iii) aumento do número de migrantes e requerentes de asilo, colocando pressão adicional sobre os sistemas de acolhimento europeus (A. Cabral, *op. cit*., V. Hilário, op. cit); iv) aumento da pobreza e instabilidade económica na região (A.Baltazar, *op. cit*.); v) insegurança alimentar global, provocada pela diminuição de produção e exportação de cereais (A.Baltazar, *op. cit*.); vi) desgaste nas opiniões públicas e, consequentemente, incompreensão do apoio ao esforço de guerra (A.Mateus, *op. cit.,* F. Dionísio*, op. cit.*); vii) consequências adversas na economia europeia, com acentuado impacto nos países mais frágeis (J. Neves, entrevista por *e-mail*, 22 de janeiro de 2025).

5.3.2 Congelamento do conflito:

- Pontos Fortes: i) cessação imediata das hostilidades e da perda de vidas humanas, russas e ucranianas (F. Dionísio, *op. cit*., J. Mimoso, *op. cit*.); ii) única hipótese de ambos os contendores conseguirem uma perceção de vitória parcial; iii) redução da possibilidade de escalada do conflito, onde se incluiria o domínio nuclear (J. Soeiro, *op. cit*.); iv) aceitação social de maiores volumes de recursos para a área da defesa (P. Rafael, *op. cit*., F. Leitão,

op. cit.); atenuação da crise humanitária e redução do fluxo de refugiados, permitindo reconstruir a Ucrânia e o regresso dos deslocados ao seu país (A. Cabral, *op. cit*.).

- Debilidades: i) criação de uma perceção de possível reativação do conflito, em data posterior, para conquista de melhor posição negocial (P. Rafael, *op. cit*., F. Dionísio*, op. cit.,* J. Mimoso, *op. cit.*); ii) perceção gerada na comunidade internacional de que a expansão territorial através da agressão a Estados vizinhos pode ter efeitos remuneradores (F. Leitão, *op. cit*.)

- Oportunidades: i) a habilidade da diplomacia europeia, caso seja protagonista nos acordos de cessar-fogo, reforçará a confiança dos cidadãos nas suas instituições (V. Hilário, *op. cit*.); ii) aceleração do processo de entrada na UE, por parte da Ucrânia (A.Baltazar, *op. cit*.); iii) apoio ao desenvolvimento das indústrias ucranianas (A.Baltazar, *op. cit*.); iv) apoio à reconstrução de áreas afetadas (A.Baltazar, *op. cit*.); v) fortalecimento da cooperação em segurança e defesa entre os países europeus (F. Dionísio, *op. cit*., V. Hilário, *op. cit*., L. Escorrega, *op. cit*.); vi) coesão e unidade entre Estados-membros e aliados (A.Baltazar, *op. cit*.); vii) aumento da interoperabilidade e reforço de capacidades de defesa (F. Dionísio, *op. cit.*, F. Leitão, *op. cit*.); viii maior competitividade industrial (A.Baltazar, *op. cit*.); ix) reconexão dos laços políticos e económicos com a Rússia e reconstrução da Ucrânia (J. Soeiro, *op. cit*.).

- Ameaças: i) fragilidade de uma paz pouco desejada e sensação de fracasso diplomático das instituições europeias, que verbalizaram, no início do conflito, o seu comprometimento com a vitória da Ucrânia (J. Conde, entrevista por *e-mail,* 19 de fevereiro de 2025); ii) migração em larga escala, pressionando os sistemas de acolhimento europeus (A.Baltazar, *op. cit*.); iii) tomadas de decisão na UE que podem ser fraturantes para a organização (A.Baltazar, *op. cit*.); iv) aumento da desinformação e atividades de guerra híbrida por parte da Rússia (A. Cruz, *op. cit*.); v) presença contínua de tropas e armamento, num processo de manutenção ou implementação da paz, continuando a manter a região num grande nível de instabilidade (A. Cabral, *op. cit*., J. Conde, *op. cit.*).

5.3.3 Vitória da Ucrânia:

- Pontos Fortes: i) Vitória ideológica dos valores europeus de soberania e integridade territorial dos Estados (V. Hilário*, op. cit.,* P. Rafael, *op. cit.*); ii) limitação das baixas humanas, russas e ucranianas, que decorreriam do prolongamento do conflito (J. Conde, *op. cit*.); possibilidade de expansão da UE e NATO, para o Leste europeu, com impacto nas

dimensões económica e securitária (F. Leitão, *op. cit*., A. Cabral, *op. cit*., F. Gomes, *op. cit*.).

- Debilidades: i) Exacerbação da subjugação da russofonia, que conduza a uma fratura identitária da sociedade ucraniana e aumento da fricção europeia com a alargada matriz eslava, que partilhará o sentimento de humilhação infligido à Federação Russa (F. Dionísio, *op. cit*., P. Rafael, *op. cit*.); ii) redução da urgência e dimensão dos investimentos europeus em defesa, por desvanecimento da ameaça russa (F. Leitão, *op. cit*.)

- Oportunidades: i) consolidação da Ucrânia como candidato à adesão, politicamente, à UE e, militarmente, à NATO (J. Soeiro, *op. cit.*); ii) aumento do vigor económico europeu, pela participação da sua indústria no rearmamento e reconstrução da Ucrânia (A. Cruz*, op. cit,* F. Dionísio*, op. cit.*).

- Ameaças: Aumento da insegurança regional europeia pela derrota militar de uma potência nuclear, dando argumentos à emergência de extremismos políticos nacionalistas que advoguem o seu emprego, para reposição da dignidade perdida (V. Hilário, *op. cit.*, P. Rafael, *op. cit*.); ii) aumento das ameaças híbridas transnacionais (A. Cabral, *op. cit*.); iii) alastramento da convulsão social russa à esfera dos países europeus com influência eslava (Sérvia, Bielorrússia, Bulgária, Croácia, Macedónia do Norte, Bósnia-Herzegovina e Montenegro) (J. Conde, *op. cit*.); iv) ideal latente de vingança na sociedade russa que, à semelhança do exemplo alemão do século transato, pode conduzir a um conflito à escala global (A. Cabral*, op. cit.,* P. Rafael, *op. cit.*).

5.3.4 Vitória da Rússia:

- Pontos Fortes: i) Limitação das baixas humanas, russas e ucranianas, que decorreriam do prolongamento do conflito (F. Dionísio, *op. cit.*).

- Debilidades: i) Derrota do ideal de defesa europeu, com erosão progressiva da confiança dos cidadãos nas instituições e organismos supranacionais, podendo levar à implosão da própria UE (J. Soeiro, *op. cit*., J. Conde, *op. cit*.); ii) ressurgimento de extremismos e nacionalismos exacerbados, fruto da fragilidade das instituições e organismos europeus (J. Soeiro, *op. cit*.); enfraquecimento da NATO e da confiança que os países nela depositam (A. Cabral, *op. cit*., J. Mimoso, *op. cit*.).

- Oportunidades: i) maior investimento em segurança e defesa (V. Hilário, *op. cit,* F. Gomes*, op. cit.,* R. Inácio, *op. cit.*); ii) reforço da coesão europeia para fazer face à ameaça russa (J. Soeiro, *op. cit*., P. Rafael, *op. cit*.); iii) apoio à reconstrução de áreas destruídas (A. Baltazar, *op. cit*.); iv) reavaliação das estratégias de segurança e defesa europeias, de forma

mais cooperativa, resultando em políticas mais robustas de investimento em Defesa e tornando a Europa capaz de, neste capítulo, se autonomizar face aos EUA (A. Cabral, *op. cit.*, P. Rafael, *op. cit*., J. Mimoso, *op. cit*.).

- Ameaças: i) a vitória militar russa poderá catalisar nova ofensiva, na Lituânia, para quebrar o bloqueio psicológico a Kaliningrado ou a sul da Ucrânia e Leste da Moldávia, para conectar os novos territórios com a região separatista da Transnístria (A. Mateus, *op. cit*., F. Gomes, *op. cit*., L. Escorrega, *op. cit*.); ii) ideal latente de vingança na sociedade ucraniana que, à semelhança do exemplo alemão, conduza a um conflito maior, a longo prazo (J. Conde, *op. cit*.); iii) enfraquecimento da influência europeia, afastando-a do xadrez geopolítico mundial (J. Soeiro, *op. cit*., J. Conde, *op. cit*.).

5.4 Impacto dos possíveis desfechos do conflito na arquitetura de segurança europeia

Como resposta à QD2 e, das quatro análises SWOT realizadas, emerge a convicção que, independentemente do desfecho do conflito, a arquitetura de segurança europeia reconfigurar-se-á para acomodar as consequências geopolíticas e geoestratégicas de cada um dos cenários possíveis. Em todos eles, surgem oportunidades para que o espaço europeu, como um todo, se adeque a uma maior autonomização da sua capacidade de defesa (menos dependente do eixo transatlântico e da NATO) e de resiliência, social, industrial e militar, face às ameaças, simétricas ou assimétricas, que os seus adversários lhe coloquem. Contudo, verificam-se também desafios importantes à capacidade institucional supranacional de manutenção da coesão europeia (com ênfase no papel da ONU, UE, OSCE e Conselho da Europa), especialmente em cenários extremistas, fundamentalistas ou mesmo territorialmente expansionistas, potencialmente desagregadores da cultura e dos valores democráticos onde assenta a base do espírito europeu. Importa, sobretudo, que a Europa consiga aprender com os erros cometidos na primeira metade do séc. XX e, independentemente de que parte beligerante saia vencedora e vencida, não se crie uma perceção de humilhação existencial, ostracização diplomática e de agrilhoamento económico, que potencie um recrudescimento do conflito, em data posterior, em muito mais elevada escala.

6. Conclusões

Existirá, para sempre, uma ordem securitária europeia antes da invasão russa na Ucrânia, e uma outra que está a ser originada pelas ondas de choque geopolíticas e geoestratégicas que dela resultaram, e que só agora começamos a vislumbrar.

A madrugada de 24 de fevereiro de 2022 representou um ponto de inflexão e o maior desafio à segurança europeia desde a Segunda Guerra Mundial, colocando em causa os acordos de Helsínquia e a geopolítica do velho continente, como a conhecíamos.

Apesar do enorme desafio do acompanhamento, em tempo real, de tão importante tema de investigação, e da conclusão da sua análise a 28 de fevereiro de 2025, ficou inequivocamente patenteada, ao longo do processo de elaboração das respostas às questões derivadas deste trabalho de investigação, uma clara orientação quanto à satisfação do seu objetivo primordial, na apreciação da forma como a guerra na Ucrânia está a influenciar a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia.

Este trabalho de investigação acompanhou a evolução da arquitetura de segurança europeia após a segunda guerra mundial, procurando definir os conceitos fundamentais de guerra na Ucrânia e de arquitetura de segurança europeia. Foi apreciado o posicionamento de cada um dos atores políticos face à guerra na Ucrânia e posteriormente realizada uma análise prospetiva ao impacto de cada um dos quatro desfechos possíveis, identificados para este conflito: o congelamento do conflito (armistício); conflito de longa duração (guerra de atrição); vitória da República da Ucrânia (recuperação de todos os territórios ocupados) ou vitória da Federação Russa (ocupação das quatro províncias separatistas e a garantia de neutralidade ucraniana).

De toda a análise decorre, desde logo, que a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia dependerá sempre de uma abordagem integrada, que combine a força coletiva da NATO, a autonomia estratégica da UE e a modernização, no capítulo da Defesa, dos seus Estados membros, mas também o reforço da confiança institucional nas organizações com influência na esfera europeísta, nomeadamente a OSCE, o Conselho da Europa e a ONU. Desta forma, criar-se-á uma Europa mais resiliente e preparada para as ameaças e os desafios globais que se lhe apresentam. Especificamente, o fortalecimento de toda a indústria europeia, a promoção da inovação e colaboração entre os seus Estados-membros no sentido da redução de dependências externas, especialmente no capítulo da Defesa, garantirá uma autonomia estratégica que possa superar a incerteza e falta de solidez

demonstrada pela parceria transatlântica, no passado recente. Em relação à NATO, a confiança gerada pela sua credibilidade dissuasora, e que levou a que Finlândia e Suécia se juntassem a esta aliança militar, numa agregação de 32 países, 30 dos quais pertencentes à grande família europeia, permanece um pilar inalienável da arquitetura de segurança europeia contemporânea, eliminando qualquer laivo expansionista russo em território da Aliança. A ascensão dos orçamentos de defesa dos seus Estados-membros a níveis nunca antes atingidos, neste século, permitirá reforçar o ideal colaborativo e de solidariedade interestatal, eliminando as dúvidas americanas que pairam quanto à vontade coletiva de contribuição justa para um ideal de segurança transatlântico.

Por outro lado, o facto de o conflito ter já ultrapassado os três anos de beligerância de elevada intensidade, de decorrer no momento de investigação e da volatilidade do momento geopolítico mundial, com especial ênfase na convulsão gerada pela transição da administração Biden para a presidência de Donald Trump, da consequente aproximação à Federação Russa em detrimento do apoio direto à Ucrânia, bem como a notória erosão da parceria euro-atlântica por si patrocinada, ao qual se adiciona ainda o facto de Portugal se ter abertamente posicionado a favor de uma das fações contendoras, face a este assunto, torna extraordinariamente desafiante uma reflexão equidistante do objeto de estudo.

Face a todas estas variáveis, será pois, da maior relevância, que a comunidade científica portuguesa prossiga os estudos geopolíticos e geoestratégicos relativos ao desfecho do conflito e às repercussões que dele possam advir, quer na ascensão de uma Europa mais forte, coesa e autónoma, polo gravitacional de uma nova ordem multipolar ou, se pelo contrário, se agravarão as divergências internas e as crónicas dependências transatlânticas, especialmente no domínio militar, que têm caracterizado a Europa nas últimas décadas.

A Guerra na Ucrânia não provocou apenas a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia, como provocou também a destruição de dogmas há muito instalados. O ressurgimento, como referido, da importância geoestratégica da NATO na defesa dos seus Estados-membros, a renovação de ideais de autonomização no capítulo militar da UE e o despertar europeu para quão vitais são os conceitos de defesa territorial, por décadas julgados obsoletos, refletem a adaptação de todo o continente para uma nova era de confrontação geoestratégica, onde a dissuasão nuclear, julgada adormecida, volta a ter um peso preponderante.

Apesar desta profunda reflexão, muitas questões se mantêm em aberto, que só o teste do tempo ajudará a responder, nomeadamente se a Europa conseguirá sustentar, no tempo, o enorme aumento do orçamento da Defesa, enquanto se debate com ameaças constantes de estagnação económica ou de progressiva dissolução ideológica do seu Estado Social, ou se a unidade transatlântica permanecerá firme face a políticas progressivamente mais individualistas e isolacionistas, por parte da cúpula da administração americana.

Em última instância, a Guerra na Ucrânia faz ressurgir a ideia de que a arquitetura de segurança europeia nunca foi, nem será, um processo estático, nem estanque, mas sim parte de um sistema de múltiplas variáveis, que requererá constante vigilância, inovação, clarividência e firmeza na defesa dos valores que constroem o ideal por trás do vocábulo Europa.

O seu sucesso, enquanto ator relevante no xadrez geopolítico e geoestratégico mundial, dependerá da forma como conseguir equilibrar a crua realidade da política internacional neorrealista baseada no Poder dos Estados, com a inegociável defesa dos valores e moral que sempre caracterizaram a família europeia ao longo dos últimos séculos.

A Guerra na Ucrânia continuará a ser, ainda que cessem as hostilidades no campo de batalha, um doloroso aviso às nações europeias de que o preço da segurança, nas décadas vindouras, será a permanente preparação para a defesa da sua integridade territorial, num perene compromisso de solidariedade e comprometimento com os princípios que definem as sociedades que escolheram a democracia como elemento basilar da sua governação.

Quanto a Portugal, Nação amadurecida pelos seus oitocentos e oitenta e dois anos de históricas epopeias terrestres, marítimas e aéreas, incontestado protagonista de inúmeros momentos imperialistas, unilaterais, bilaterais e multilaterais ao longo dos últimos cinco séculos, verdadeiro precursor da globalização e da multiculturalidade, urge que cuidadosamente reflita e que, explorando as suas quatro dimensões de poder, diplomático, informacional, militar e económico, regresse a um projeto existencial de muito longo prazo, fiel a uniões, parcerias e alianças estratégicas conjunturais, na Europa e fora dela, mas moldando sempre, de forma autónoma e independente, o seu futuro, à imagem do projeto de Portugalidade que os nossos ancestrais para nós sonharam, e que moralmente temos o dever de perpetuar!

"Allons, courage, le Printemps de l'Europe est toujours devant nous!"

Jacques Delors

Referências Bibliográficas

Acharya, A. (2014). *Constructing a security community in Southeast Asia*. Londres: Routledge.

Alessandri, E. (2023). *Beyond the war: the future of European security. GLOBSEC*. Retirado de https://www.globsec.org/what-we-do/commentaries/beyond-war-future-european-security.

Allan, D. (2020). *The Minsk Conundrum: Western Policy and Russia's War in Eastern Ukraine.* Londres: Chatham House, The Royal Institute of International Affairs.

Andersson, J. & Cramer, C. (2023): *The impact on the European security architecture – EUISS Yearbook of European Security. European Union Institute for Security Studies.* Retirado de https://www.iss.europa.eu/sites/default/files/EUISSFiles/YES_2023.pdf.

Anjaparidze, Z (2021). *Russia Lures Georgia's Secessionist Regions by Dual Citizenship. Eurasia Daily Monitor.* Washington DC: The Jamestown Foundation.

Arel, D. & Driscoll, J. (2023). *Ukraine's Unnamed War: Before the Russian Invasion of 2022.* Cambridge: Cambridge University Press.

Bardin, L. (1977). *L'Analyse du contenu*. Paris: Presses Universitaires de France.

Bassin, M & Pozo, G. (2017). *The politics of Eurasianism: identity, popular culture and Russia's foreign policy*. Londres: Rowman & Littlefield.

Bekkevold, J. (2023). *China's 'Peace Plan' for Ukraine Isn't About Peace.* Washigton D.C.: Foreign Policy.

Bond, I. & Scazzieri, L. (2022). *The EU, NATO and European security in a time of war. Centre for European Reform.* Retirado de https://www.cer.eu/publications/archive/policy-brief/2022/eu-nato-and-european-security-time-war.

Borsi, M. (2007). *Transnistria - an unrecognised country within Moldova.* Journal for Labour and Social Affairs in Eastern Europe. Retirado de: https://www.jstor.org/stable/43293237.

Brands, H. (2024). *War in Ukraine: Conflict, Strategy, and the Return of a Fractured World*. *Baltimore*: Johns Hopkins University Press.

Brewster, D. (2022). *Transnistria: The next front of the Ukraine war.* The Interpreter. Sidney: The Lowy Institute.

Britannica. (2025). *Proxy War – Armed Conflict*. Retirado de: https://www.britannica.com/topic/proxy-war.

Buzan, B. & Waever, O. (2009). *Regions and powers: the structure of international security.* Cambridge: Cambridge University Press.

Cenusa, D. (2024). Tensions around the Transnistrian conflict in Moldova: early signs of an escalation scenario and future prospects. Vilnius: Geopolitics and Security Studies Center.

Chipman, J. (2018). *A new geopolitical challenge to the rules-based order. International Institute for Strategic Studies.* Retirado de https://www.iiss.org/blogs/analysis/2018/11/challenge-rules-basedorder.

Council of Europe. (2025). *Assembly President regrets Georgian delegation's decision to withdraw from Parliamentary Assembly. Council of Europe*. Retirado de: https://www.coe.int/en/web/portal/-/assembly-president-regrets-georgian-delegation-s-decision-to-withdraw-from-pace.

Crawford, D. (2007). *Conventional Armed Forces in Europe (CFE): A Review and Update of Key Treaty Elements.* USA Department of State - Arms Control Bureau.

Conference on Security and Co-operation in Europe (1975). *Conference on Security and Co-operation in Europe Final Act*. CSCE. Retirado de: https://www.osce.org/files/f/documents/5/c/39501.pdf.

D'Anieri, P. (2023). *Ukraine and Russia.* Cambridge: Cambridge University Press.

Davies, R. & Wheatcroft, S. (2009). *The Industrialisation of Soviet Russia Volume 5: The Years of Hunger: Soviet Agriculture 1931–1933*. Londres: Palgrave Macmillan.

Dickinson, P. (2021). *The 2008 Russo-Georgian War: Putin's green light. Atlantic Council.* Retirado de: https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/the-2008-russo-georgian-war-putins-green-light.

Ditrych, O. (2018). *Global prohibition security regimes: operations of power*. Londres: Palgrave Macmillan.

Düvell, F. & Lapshyna, I. (2015). *The EuroMaidan Protests, Corruption, and War in Ukraine*. Bruxelas: Migration Policy Institute.

European Communities. (1997) *Agreement on Partnership and Cooperation. European Communities and the Russian Federation*. Retirado de: https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=celex%3A21997A1128%2801%29.

European Council. (2025). *EU-NATO cooperation. European Council*. Retirado de: https://www.consilium.europa.eu/en/policies/eu-nato-cooperation.

European Defence Agency. (2022). *Coordinated Annual Review on Defence Report, November 2022*. Retirado de: https://eda.europa.eu/docs/default-source/eda-publications/2022-card-report.pdf.

Elborgh-Woytek, K. & Lewis, M. (2002). *Conditionality in Ukraine's funds programs. Privatization in Ukraine: Challenges of Assessment and Coverage in Fund Conditionality*. International Monetary Fund.

Fisher, A. (2013). *The Concept of a "Cooling-Off Period"*. Cambridge: Cambridge University Press.

Fontelles, J. (2023). Yearbook of European Security - *Foreword by the High Representative of the EU for Foreign Affairs and Security Policy. European Union Institute for Security Studies.* Retirado de https://www.iss.europa.eu/sites/default/files/EUISSFiles/YES_2023.pdf.

Galeotti, M. (2019). *Armies of Russia's War in Ukraine. Elite 228*. Oxford: Osprey Publishing.

Haar, R. (2000). *The Kosovo Crisis and its Consequences for a European Security Architecture*. Lausanne: Peter Lang International Academic Publishers.

Hanley, H & Yangdan, L. (2024). *Across the firewall: Foreign media's role in shaping Chinese social media narratives on the Russo-Ukrainian War*. Washington DC: Proceedings of the National Academy of Sciences of the USA.

Hauter, J. (2021). *Civil War? Interstate War? Hybrid War? Dimensions and Interpretations of the Donbas Conflict in 2014-2020*. Stuttgart: *ibidem*-Verlag.

Havrylyshyn, O. (2016). *Nature of the Economy before Independence*. *The Political Economy of Independent Ukraine: Slow Starts, False Starts, and a Last Chance?* Londres: Springer.

Hyde-Price, A. (2014). *Europe's changing security architecture*. Viena: Böhlau Verlag.

Hufbauer, G. (2017). *Economic Sanctions Reconsidered*. Washington DC: Peterson Institute for International Economics.

Ibragimova, G. (2023). How Russia Torpedoed Its Own Influence in Moldova. Berlim: Carnegie Russia Eurasia Center.

Ignatov, O. (2021). *Responding to Russia's New Military Buildup Near Ukraine*. Bruxelas: International Crisis Group.

International Monetary Fund (2014). IMF *Country Report* No. 14/145 – *Ukraine.* Washington D.C.: International Monetary Fund.

Jervis, R. (1982). *Security regimes*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kacprzyk, A. (2022). *The U.S. and NATO Deliver Written Responses to Russia's Security Demands and Proposals.* Varsóvia: The Polish Institute of International Affairs.

Kazdobina, J., Hedenskog, J. & Umland, A. (2024). *Why the Russo-Ukrainian War Started Already in February 2014. SCEEUS Report,* No. 2, 2024. Retirado de: https://sceeus.se/en/publications/why-the-russo-ukrainian-war-started-already-in-february-2014.

Kertysova, K. (2021). *Closing the Open Skies.* Washington DC: The Wilson Quarterly.

Kieff, L. (2024). How Do You Solve a Problem Like Transnistria? CSIS. Washington DC: Center for Strategic and International Studies.

Konończuk, W. (2013). *Ukraine withdraws from signing the Association Agreement in Vilnius: The motives and implications.* Varsóvia: Centre for Eastern Studies.

Kulhánek, J. (2016). *Putin's Foreign Policy and the Founding of the NATO-Russia Council. Central European Journal of International and Security Studies*. Retirado de: https://www.amo.cz/wp-content/uploads/2016/02/Central-European-Journal-of-International-and-Security-Studies.pdf.

Leyen, U. (2023). *European Commission. 2023 State of the Union address by President von der Leyen*. European Commission (EC). Retirado de: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/speech_23_4426.

Lohsen, A. & Morcos, P. (2022). *Understanding the Normandy Format and Its Relation to the Current Standoff with Russia*. Washington DC: Center for Strategic and International Studies.

Magocsi, P. (2010). *A History of Ukraine.* Toronto: University of Toronto Press.

Marahrens, S. & Schröfl, J. (2024). *The Russia-Ukraine Conflict from a Hybrid Warfare Cognitive Perspective.* Viena: The Defence Horizon Journal.

Measheimer, J. (2016). *Defining a new security architecture for Europe that brings Russia from the cold.* USA Army University Press - Military Review.

Meister, S. (2024). *Moldova: Start of Formal Accession Negotiations with the EU.* Berlim: German Council on Foreign Relations.

Mez, L. (2015). *A Critical Geopolitical Assessment of The Georgian-Abkhaz Peace Process.* Berlim: Freie Universitate Berlin.

Mitrokhin, N. (2014). *Transnational Provocation: Russian Nationalists and Security Service Operatives in Ukraine*. Berlim: Berliner Wissenschafts-Verlag.

Mitrokhin, N. (2014). *Infiltration, Instruction, Invasion: Russia's War in Ukraine*. Berlim: Berliner Wissenschafts-Verlag.

Mitrokhin, N. (2015). *Gang War and State Formation: On the Future of the Donbas*. Berlim: Berliner Wissenschafts-Verlag.

Mitrokhin, N. (2017). *Transfer of Dictatorship in the Donbas: Violence and 'State Formation' in Russia's 'People's Republics*. Berlim: Berliner Wissenschafts-Verlag.

Nalaskowski, J. (2015). *Georgia and Ukraine: Two Stories, Same Strategy?* Varsóvia: Casimir Pulaski Foundation.

NATO. (2024a). *NATO Defence Ministers agree plan to lead coordination of security assistance and training for Ukraine, address deterrence and defence*. NATO. Retirado de: https://www.nato.int/cps/po/natohq/news_226442.htm.

NATO. (2024b). *Washington Summit Declaration*. NATO. Retirado de: https://www.nato.int/cps/cn/natohq/official_texts_227678.htm.

NATO. (2025). *Comprehensive Assistance Package (CAP) for Ukraine.* NATO. Retirado de: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_231639.htm.

O'Hanlon, M. (2017). *Beyond NATO: a new security architecture for Eastern Europe.* Washington DC: Brookings.

Ohanjanyan, M. (2025). Unfreezing Transnistria? Clingendael Spectator. Wassenaar: The Clingendael Institute.

OSCE. (1990). *Charter of Paris for a new Europe.* OSCE. Retirado de https://www.osce.org/files/f/documents/0/6/39516.pdf.

OSCE. (2015). Statement by the Trilateral Contact Group. OSCE. Retirado de: https://www.osce.org/cio/181581.

OSCE. (2016). *The OSCE in Ukraine Update: June 2014 to November 2014*. OSCE. Retirado de: https://www.osce.org/magazine/259866.

OSCE. (2017). *The Donbas Region of Ukraine: Promoting Connectivity and Economic and Environmental Cooperation for Regional Security.* OSCE. Retirado de: https://www.osce.org/files/f/documents/c/f/338671.pdf.

OSCE. (2025). Chairperson-in-Office Elina Valtonen presents Finland's 2025 priorities to OSCE Permanent Council. OSCE. Retirado de: https://www.osce.org/chairpersonship/584868.

Parmentier, F. (2023). *Moldova, a political system under pressure between European aspirations and war in Ukraine*. Russia / Eurasia Centre. Paris: Institut Français des Relations Internationales.

Parmentier, F. (2024). *Transnistria, in the shadow of the war in Ukraine.* Centre Grande Europe. Paris: Institut Jacques Delors.

Pifer, S. (2021). *Russia's draft agreements with NATO and the United States: intended for rejection?* Washington: Brookings.

Pipes R. (1997). *The Formation of the Soviet Union: Communism and Nationalism, 1917-1923.* Cambridge: Harvard University Press.

Plokhy, S. (2023). *The Russo-Ukrainian War: The Return of History*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company.

Plokhy, S. (2015). *The gates of Europe: A history of Ukraine.* Nova Iorque: Basic Books.

Popova, M. & Shevel, O. (2023). *Russia and Ukraine: Entangled Histories, Diverging States.* New Jersey: John Wiley & Sons.

Raik, K. (2019). *The Ukraine crisis as a conflict over Europe's political, economic and security order.* Londres: Taylor & Francis Group - Geopolitics.

Riasanovsky, N. (1969). *A history of Russia. Oxford: Oxford University Press.*

Rompuy, H & Barroso, J. (2012). *From War to Peace: a European Tale. European Union: Recipient of the 2012 Nobel Peace Prize speech.* Retirado de: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/api/files/document/print/en/speech_12_930/SPEECH_12_930_EN.pdf.

Rzeszutko, M. (2022). *The borderization of Georgia's breakaways as a tool of Russia's long-term struggle with the EU and NATO. Marshall Center Papers.* Garmisch-Partenkirchen: George C. Marshall European Center for Security Studies.

Santos, L., & Lima, J. (2019). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação* (2.ª ed.). Pedrouços: Instituto Universitário Militar.

Sasse, G. (2018). *Ukraine's New Military Engagement in the Donbas.* Bruxelas: Carnegie Europe.

Saunders R. & Strukov V. (2010). *Historical Dictionary of the Russian Federation.* Lanham: Scarecrow Press.

Schmitt, O. (2018). *The Vienna document and the Russian challenge to the European security architecture.* Roma: NATO Defence College.

Seskuria, N. (2021). *Russia's "Hybrid Aggression" against Georgia: The Use of Local and External Tools*. Washington DC: Center for Strategic & International Studies.

SHAPE. (2024). *NATO Security Assistance and Training for Ukraine.* SHAPE. Retirado de: https://shape.nato.int/news-archive/2024/nato-security-assistance-and-training-ukraine-nsatu-is-assisting-ukraine.

Shapovalova, N. & Jarábik, B. (2018). *How Eastern Ukraine Is Adapting and Surviving: The Case of Kharkiv.* Bruxelas: Carnegie Europe.

Shleifer, A. & Treisman, D. (2005). *A Normal Country: Russia After Communism. American Economic Association: Journal of Economic Perspectives.* Retirado de: https://scholar.harvard.edu/files/shleifer/files/normal_jep.pdf.

Smith, M & Aldis, A. (2007). *Putin on International Security.* Conflict Studies Research Centre - UK Defence Academy.

Socor, V. (2018). *Moldova: Federalization's Ghosts Return from the Past*. Eurasia Daily Monitor Volume: 15 Issue: 130. Washington DC: The Jamestown Foundation.

Solchanyk, R. (2001). *Ukraine and Russia: The Post-Soviet Transition.* Lanham: Rowman & Littlefield.

Spišiaková, M. & Shumeiko, N. (2022). *Language and politics. On the border between linguistics and political science.* Bratislava: University of Economics in Bratislava.

Stockholm International Peace Research Institute. (2008). *SIPRI Yearbook 2008 – Military expenditure*. Estocolmo: Stockholm International Peace Research Institute.

Subtelny, O. (2000). *Ukraine: A History.* Toronto: University of Toronto Press.

Szeligowski, D. (2020). *Ukraine's New National Security Strategy*. Varsóvia: The Polish Institute of International Affairs.

Tuygan, A. (2022). *Russia Proposes a New Security Architecture in Europe and Beyond*. Istambul: Centre for Economics and Foreign Policy Studies.

United Nations. (2023). *UN-brokered grain and fertilizer deals 'indispensable' to global food security*. UN. Retirado de: https://news.un.org/en/story/2023/07/1138457.

US Department of State. (2025). *U.S. Security Cooperation with Ukraine - Fact Sheet*. Bureau of Political-Military Affairs. Retirado de: https://www.state.gov/bureau-of-political-military-affairs/releases/2025/01/u-s-security-cooperation-with-ukraine.

Walker, N. (2023). *Conflict in Ukraine: A timeline 2014 - eve of 2022 invasion.* United Kingdom: House of Commons Library.

Werth, N. (2007). *The Ukranian Famine 1932–1933*. Paris: N. Werth.

Wolchik, S. (2000). *Ukraine: The Search for a National Identity.* Lanham: Rowman & Littlefield.

Wolkov, N., Evans, A., Gibson, O., Gasparyan, D., Kagan, F., Trotter, N., Runkel, W. (2025). *Russian Offensive Campaign Assessment, February 22, 2025*. Washington DC: Institute for the Study of War.

Yekelchyk, Serhy (2019). *Ukraine: What everyone needs to know.* Nova Iorque: Oxford University Press.

Zadeskey, W. (2022). Transnistria: The History Behind the Russian-backed Region. Origins: Current Events in Historical Perspective. Retirado de: https://origins.osu.edu/read/transnistria-history-behind-russian-backed-region.

Zagorski, A. (2010). *The Russian proposal for a treaty on European security: from the Medvedev initiative to the Corfu process.* Baden-Baden: Nomos.

Zaręba, S. (2022). *Russia Recognises 'Peoples Republics' in Donbas*. Varsóvia: The Polish Institute of International Affairs.

Apêndice A – Corpo de Conceitos

Este Apêndice visa aprofundar alguns dos conceitos abordados ao longo da investigação, de forma a que melhor se possa compreender a Guerra na Ucrânia e a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia. Nesse sentido, serão clarificados os conceitos de *Euromaidan*, Revolução da Dignidade, Operação Militar Especial, Sanções Internacionais, Armistício e *Proxy War*.

- *Euromaidan*. Sequência de protestos populares ocorridos na República da Ucrânia, no período de 21 de novembro de 2013 a fevereiro de 2014, e que conduziram à Revolta da Dignidade. Os protestos foram inicialmente originados a partir da Praça da Independência, em Kiev, tendo-se estendido a várias cidades deste país, e foram causados pela súbita e unilateral decisão do Presidente da República Viktor Yanukovych de, contrariando decisão maioritária do parlamento do seu país, cancelar a assinatura do acordo de associação União Europeia-Ucrânia, favorecendo, ao invés, o estreitar de laços de cooperação com a Federação Russa, através da União Económica Euro-Asiática (Plokhy, 2023).

- Revolução da Dignidade. Movimento de revolta popular, ocorrido na República da Ucrânia em fevereiro de 2014, na sequência dos protestos *Euromaidan*, e que conduziu, em 22 de fevereiro desse ano, à destituição, pelo parlamento ucraniano, do Presidente da República Viktor Yanukovych, à restauração da Constituição da Ucrânia de 2004 e, como consequência geopolítica externa, à anexação russa da península da Crimeia e de porções do território do *Donbass*, nomeadamente nas províncias de Donetsk e Luhansk (Popova & Shevel, 2023).

- Operação Militar Especial. Termo oficialmente utilizado pelo Governo da Federação Russa para descrever a invasão militar, efetuada pelas suas forças armadas ao território da República da Ucrânia, a partir da madrugada de 24 de fevereiro de 2022, até ao tempo presente. O termo é considerado um eufemismo minimizador do ato hostil de agressão, com o propósito de evitar as consequências legais de uma declaração de guerra, à luz do direito internacional (Spišiaková & Shumeiko, 2022).

- Sanções Internacionais. Medidas coercivas, de cariz diplomático ou económico, adotadas por um país, grupo de países ou instituições, contra um indivíduo, grupo de indivíduos, país ou grupo de países, com o propósito de induzir uma ou mais mudanças comportamentais. A amplitude das sanções caracteriza-se pela sua modularidade e diversidade, podendo centrar-se na proteção de interesses de segurança de um Estado ou grupo de Estados, na salvaguarda da lei internacional ou ainda como meio de defesa institucional contra ameaças à estabilidade, paz e segurança estatais ou mundiais (Hufbauer, 2017).

- Armistício. Acordo para a cessação de hostilidades entre duas ou mais partes beligerantes de um conflito, nele sendo contemplados os termos, o âmbito e a duração acordados pelas partes. O armistício pode ser local ou geral, consoante sirva um propósito específico de troca ou recolha de mortos, feridos ou prisioneiros em determinado local ou, em alternativa, uma total cessação da atividade beligerante e das hostilidades entre as partes contendoras. Embora o armistício possa eventualmente conduzir ao fim do conflito, segunda a lei internacional não conduz à finalização do estado de guerra (Fisher, 2013).

- *Proxy war*. Conflito militar em que uma ou mais entidades terceiras, direta ou indiretamente, apoiam atores combatentes, estatais ou não estatais, num esforço que visa influenciar o desenlace do conflito de acordo com os seus interesses estratégicos, ou para minar os intuitos estratégicos do seu adversário (Britannica, 2025).

Apêndice B – Guião de entrevista semiestruturada

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL GENERAL
2024/2025

- PROF. DR. JOÃO CÉSAR DAS NEVES –
ECONOMISTA, CATEDRÁTICO E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

Esta entrevista insere-se no âmbito do trabalho de investigação individual do Coronel Piloto Aviador Afonso Miguel dos Santos Gaiolas, a frequentar o Curso de Promoção a Oficial General 2024/25, no Instituto Universitário Militar (IUM), que tem por objetivo apreciar a Guerra na Ucrânia e a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia.

Q1	Do ponto de vista da Economia dos Estados, quais considera terem sido os momentos-chave que condicionaram a evolução da arquitetura de segurança europeia, após a segunda guerra mundial, até ao momento de confrontação bélica russo-ucraniano em que vivemos?
Q2	Como caracteriza o comportamento das economias, face à variável belicista introduzida pela Federação Russa em fevereiro de 2022?
Q3	Do ponto de vista económico, como caracteriza o aumento da despesa militar, a realizar pelos Estados Europeus (de pelo menos 2% do PIB, para os Estados-membros da NATO), para fazer face à ameaça de um conflito em larga escala, em solo europeu e que impacto pode ter na Economia da Europa?
Q4	Como avalia o impacto das sanções económicas impostas à Federação Russa, na Economia europeia/mundial e as eventuais consequências de longo prazo que daí possam advir?

- DR. VASCO HILÁRIO –
DIRETOR-GERAL DE RECURSOS DA DEFESA NACIONAL

- ALMIRANTE MELO GOMES -
MEMBRO DO GRUPO DE REFLEXÃO ESTRATÉGICA INDEPENDENTE E ANALISTA POLÍTICO-MILITAR

- ANTÓNIO MATEUS –
JORNALISTA DE GUERRA, ESPECIALISTA NA UCRÂNIA

- TENENTE-GENERAL ALFREDO CRUZ –
ANALISTA POLÍTICO-MILITAR E ESCRITOR

- MAJOR-GENERAL ANA BALTAZAR –
SUBDIRETORA-GERAL DE POLÍTICA DA DEFESA NACIONAL

- BRIGADEIRO-GENERAL FERNANDO LEITÃO –
CHEFE DA DIVISÃO DE PLANEAMENTO ESTRATÉGICO MILITAR DO EMGFA

- CORONEL FRANCISCO DIONÍSIO –
ESPECIALISTA MILITAR, COM EXPERIÊNCIA NA NATO-AIRCOM

- CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA ADELINO CABRAL –
ESPECIALISTA MILITAR, COM EXPERIÊNCIA NA NATO

- CORONEL JOÃO CONDE –
ESPECIALISTA MILITAR, COM EXPERIÊNCIA NA NATO E EU

- CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA RICARDO INÁCIO -
ESPECIALISTA MILITAR, COM EXPERIÊNCIA NA NATO

- CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA PEDRO RAFAEL –
ESPECIALISTA MILITAR, COM EXPERIÊNCIA NA NATO-MARCOM

- CORONEL LUÍS ESCORREGA –
ESPECIALISTA MILITAR, COM EXPERIÊNCIA NA NATO E EU

- CORONEL JOSÉ MIMOSO –
ESPECIALISTA MILITAR, COM EXPERIÊNCIA NA NATO E EU

- TENENTE-CORONEL JOÃO SOEIRO –
ESPECIALISTA MILITAR DA NATO NO *DEPLOYABLE AIR COMMAND AND CONTROL CENTRE*

- MAJOR PEDRO REIS -
ESPECIALISTA MILITAR DA NATO E UE – *INTERNATIONAL MILITARY STAFF*

Esta entrevista insere-se no âmbito do trabalho de investigação individual do Coronel Piloto Aviador Afonso Miguel dos Santos Gaiolas, a frequentar o Curso de Promoção a Oficial General 2024/25, no Instituto Universitário Militar (IUM), que tem por objetivo apreciar a Guerra na Ucrânia e a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia.

Q1	Do ponto de vista da Defesa, como caracteriza o aumento da despesa militar, a realizar pelos Estados Europeus (de pelo menos 2% do PIB, para os Estados-membros da NATO), para fazer face à ameaça de um conflito em larga escala, em solo europeu e que impacto pode ter na arquitetura de Defesa da Europa?
Q2	Como caracteriza a posição dos principais atores geopolíticos, estatais e organizacionais (NATO, EU, EUA e China), face à Guerra na Ucrânia?
Q3	Em que medida considera que a Guerra da Ucrânia poderá reconfigurar a arquitetura de segurança europeia?
Q4	Quais as principais ameaças e oportunidades que antevê, do ponto de vista da segurança europeia, face aos seguintes hipotéticos desenlaces para o conflito: a) Congelamento do conflito (armistício); b) Guerra de longa duração (atrição); c) Vitória ucraniana; d) Vitória russa.

Apêndice C – Síntese das ideias-chave das entrevistas, discursos e declarações

Considerando as respostas obtidas através das entrevistas semiestruturada sobre a Guerra na Ucrânia e a reconfiguração da arquitetura de segurança europeia, bem como da análise das entrevistas, discursos e declarações dos principais atores geopolíticos relevantes para este conflito, as seguintes tabelas agregam:

- A lista de atores geopolíticos e individualidades consultadas (Tabela 1);
- A tipologia e cronologia das participações (Tabela 2);
- As ideias-chave daí extraídas de acordo com os indicadores identificados (Tabela 3).

Tabela 1 – Lista de atores geopolíticos e individualidades consultadas

Agrupamento geoplítico	Código	Cargo	Nome
Ator Estatal	A1	Presidente da Federação Russa	Vladimir Putin
Ator Estatal	A2	Ministro dos Negócios Estrangeiros da Federação Russa	Sergey Lavrov
Ator Estatal	A3	Ministra dos Negócios Estrangeiros da Finlândia	Elina Valtonen
Ator Estatal	A4	Presidente da República da Ucrânia	Volodymyr Zelenskyi
Ator Estatal	A5	Ministro da Europa e dos Negócios Estrangeiros de França	Jean-Noel Barrot
Ator Estatal	A6	Secretário de Estado Americano	Anthony Blinken
Ator Estatal	A7	Primeiro-ministro da República da Hungria	Viktor Orban
Ator Estatal	A8	Ministro da Economia da República Portuguesa	Pedro Reis
Ator Estatal	A9	Presidente da República Francesa	Emmanuel Macron
Ator Estatal	A10	Presidente dos Estados Unidos da América	Donald Trump
Ator Estatal	A11	UK Commander Field Army	Tenente-General Mike Elviss
Ator Estatal	A12	Primeiro-ministro da República da Polónia	Donald Tusk
Ator Estatal	A13	Primeiro-Ministro da República Portuguesa	Luís Montenegro
Ator Estatal	A14	Ministro da Defesa da Suécia	Pal Jonson
Ator Estatal	A15	Presidente da República Popular da China	Xi Jinping
Ator Estatal	A16	Ministra dos Negócios Estrangeiros da Alemanha	Annalena Baerbock
Ator Estatal	A17	Ministro dos Negócios Estrangeiros da China	Wang Yi
Ator Estatal	A18	Diplomata e porta-voz do Presidente da Federação Russa	Dmitry Peskov
Ator Estatal	A19	Porta-voz do Presidente ucraniano - período 2019-2021	Iuliia Mendel
Ator Estatal	A20	Secretário de Estado dos EUA	Marco Rubio
Ator Estatal	A21	Secretário de Defesa dos EUA	Pete Hegseth
Ator Estatal	A22	Vice-Presidente dos EUA	J. D. Vance
Ator Estatal	A23	Presidente da República Federal da Alemanha	Frank-Walter Steinmeier
Ator Estatal	A24	Primeiro-ministro do Reino Unido	Keir Starmer
Ator Estatal	A25	Enviado especial dos EUA para a Ucrânia e Rússia	Keith Kellogg
Ator Estatal	A26	Conselheiro dos EUA em matérias de segurança nacional	Mike Waltz
Ator Estatal	A27	Empregado especial do governo dos EUA	Elon Musk
Ator Estatal	A28	Primeiro-ministro da República da Eslováquia	Robert Fico
Instituições da Europa	B1	Comissário Europeu da Defesa da União Europeia	Andrius Kubilius
Instituições da Europa	B2	Presidente do Conselho Europeu	António Costa
Instituições da Europa	B3	Presidente da Comissão Europeia	Ursula Von der Leyen
Instituições da Europa	B4	Presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa	Theodoros Rousopoulos
Instituições da Europa	B5	Alto representante da UE para a política externa e segurança	Kaja Kallas
Instituições da Europa	B6	Presidente em exercício da OSCE	Elina Valtonen
Instituições Internacionais	C1	Secretário-Geral da NATO	Mark Rutte
Instituições Internacionais	C2	Presidente do Comité Militar da NATO	Almirante Giuseppe Cavo Dragone
Instituições Internacionais	C3	Secretário-Geral da ONU	António Guterres
Organismos de Pensamento Estratégico	D1	Diplomata americano, investigador geopolítico	William Courtney
Organismos de Pensamento Estratégico	D2	Diretora do Centro para os Estudos Europeus na Fundação Rondeli	Kaha Gogolashvili
Organismos de Pensamento Estratégico	D3	Diretor do *Carnegie Endowment's American statecraft programme*	Christopher S Chivvis
Individualidade portuguesa	E1	Economista	Prof. Dr. João César das Neves
Individualidade portuguesa	E2	Chefe da Divisão de Planeamento Estratégico Militar	Brigadeiro-General Fernando Leitão
Individualidade portuguesa	E3	Analista político-militar	Tenente-General Alfredo Cruz
Individualidade portuguesa	E4	Subdiretora-geral de Política de Defesa Nacional	Major-General Ana Baltazar
Individualidade portuguesa	E5	Jornalista e repórter de guerra - especialista na Ucrânia	António Mateus
Individualidade portuguesa	E6	Analista político-militar	Almirante Melo Gomes
Individualidade portuguesa	E7	Especialista militar da NATO, colocado em Poggio Renatico	Tenente-Coronel João Soeiro
Individualidade portuguesa	E8	Especialista militar da NATO e UE, colocado em Bruxelas	Major Pedro Reis
Individualidade portuguesa	E9	Especialista militar, com experiência na NATO	Coronel Francisco Dionísio
Individualidade portuguesa	E10	Especialista militar, com experiência na NATO e UE	Coronel João Conde
Individualidade portuguesa	E11	Analista político-militar	Prof. Dr. Francisco Proença Garcia
Individualidade portuguesa	E12	Diretor-Geral de Recursos da Defesa Nacional	Dr. Vasco Hilário
Individualidade portuguesa	E13	Especialista militar, com experiência na NATO	Comandante-de-mar-e-guerra Ricardo Inácio
Individualidade portuguesa	E14	Especialista militar, com experiência na NATO	Comandante-de-mar-e-guerra Pedro Rafael
Individualidade portuguesa	E15	Professor catedrático, analista geopolítico	Prof. Dr. Luís Tomé
Individualidade portuguesa	E16	Professor catedrático, analista geopolítico	Prof. Dr. António Telo
Individualidade portuguesa	E17	Especialista militar, com experiência na NATO e UE	Coronel José Mimoso
Individualidade portuguesa	E18	Especialista militar, com experiência na NATO e UE	Coronel Luís Escorrega

Tabela 2 – Tipologia e cronologia de participações

Tipologia da informação	Entidade	Nome	Local	Data	Local de consulta
Declaração	Ministro dos Negócios Estrangeiros da China	Wang Yi	Pequim	26 NOV 2024	https://www.uscc.gov/research/chinas-position-russias-invasion-ukraine
Declaração	Ministra dos Negócios Estrangeiros da Alemanha	Annalena Baerbock	Pequim	2 DEZ 2024	https://www.uscc.gov/research/chinas-position-russias-invasion-ukraine
Entrevista	Comissário Europeu da Defesa da União Europeia	Andrius Kubilius	Centro de Estudos *Carnegie Europe*	12 DEZ 2024	https://www.euromesco.net/institute/carnegie-europe
Entrevista	Secretário-Geral da NATO	Mark Rutte	Centro de Estudos *Carnegie Europe*	12 DEZ 2024	https://www.euromesco.net/institute/carnegie-europe
Declaração	Presidente da República Popular da China	Xi Jinping	Pequim	12 DEZ 2024	https://www.uscc.gov/research/chinas-position-russias-invasion-ukraine
Entrevista	Presidente da Federação Russa	Vladimir Putin	Moscovo	19 DEZ 2024	http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts
Entrevista	Ministro dos Negócios Estrangeiros da Federação Russa	Sergey Lavrov	Agência TASS - Moscovo	30 DEZ 2024	https://mid.ru/en/press_service/minister_speeches/
Entrevista	Ministra dos Negócios Estrangeiros da Finlândia	Elina Valtonen	*Radio and Television Corporation* – TRT *World*	2 JAN 2025	https://www.trtworld.com/video/bigger-than-five/nato-finlandization-of-ukraine-or-bigger-than-five-18249805
Entrevista	Diplomata americano, investigador na RAND *corporation*	William Courtney	*Radio and Television Corporation* – TRT *World*	2 JAN 2025	https://www.trtworld.com/video/bigger-than-five/nato-finlandization-of-ukraine-or-bigger-than-five-18249805
Entrevista	Presidente da República da Ucrânia	Volodymyr Zelenskyi	Canal de televisão Ucraniano - *One News*	2 JAN 2025	https://www.president.gov.ua/en/news/speeches
Conferência de Imprensa	Ministro da Europa e dos Negócios Estrangeiros de França	Jean-Noel Barrot	Paris	8 JAN 2025	https://www.youtube.com/watch?v=6Scngibnnu8
Conferência de Imprensa	Secretário de Estado Americano	Anthony Blinken	Paris	8 JAN 2025	https://www.youtube.com/watch?v=6Scngibnnu8
Declaração	Presidente do Conselho Europeu	António Costa	Bruxelas	12 JAN 2025	https://www.consilium.europa.eu/en/european-council/president/speeches/
Declaração	Secretário-Geral da NATO	Mark Rutte	Parlamento Europeu - Estrasburgo	13 JAN 2025	https://www.nato.int/cps/ge/natohq/opinions_232125.htm?selectedLocale=en
Entrevista	Primeiro-ministro da República da Hungria	Viktor Orban	*Times New World* - Budapeste	17 JAN 2025	https://miniszterelnok.hu/en/category/speeches/
Entrevista	Ministro da Economia da República Portuguesa	Pedro Reis	Diário de Notícias - Lisboa	17 JAN 2025	https://www.dn.pt/topic/pedro-reis
Discurso	Presidente da República Francesa	Emmanuel Macron	Paris	20 JAN 2025	https://www.lemonde.fr/en/france/article/2025/01/20/macron-calls-on-europe-to-wake-up-and-spend-more-on-defense-as-trump-takes-office_6737230_7.html
Declaração	Presidente dos Estados Unidos da América	Donald Trump	Washington DC	20 JAN 2025	https://www.whitehouse.gov/remarks/
Declaração	Presidente da Comissão Europeia	Ursula Von der Leyen	Fórum Económico Mundial - Davos	21 JAN 2025	https://www.weforum.org/stories/
Declaração	Presidente da República da Ucrânia	Volodymyr Zelenskyi	Kiev	22 JAN 2025	https://www.president.gov.ua/en/news/speeches
Declaração	Secretário-Geral da NATO	Mark Rutte	Fórum Económico Mundial - Davos	22 JAN 2025	https://www.nato.int/cps/ge/natohq/opinions_232547.htm?selectedLocale=en
Declaração	UK Commander Field Army	Tenente-General Mike Elviss	Fórum Económico Mundial - Davos	22 JAN 2025	https://www.weforum.org/stories/
Declaração	Presidente dos Estados Unidos da América	Donald Trump	Fórum Económico Mundial - Davos	22 JAN 2025	https://www.weforum.org/stories/
Declaração	Presidente dos Estados Unidos da América	Donald Trump	Rede Social *Truth Social*	22 JAN 2025	https://www.reuters.com/world/trump-threatens-russia-others-with-sanctions-if-ukraine-deal-not-reached-2025-01-22/
Declaração	Primeiro-ministro da República da Polónia	Donald Tusk	Conselho da União Europeia - Bruxelas	22 JAN 2025	https://polish-presidency.consilium.europa.eu/en/news/the-speech-of-polish-prime-minister-at-the-european-parliament-europe-is-not-yet-lost-as-long-as-we-are-alive/
Discurso	Comissário Europeu da Defesa da União Europeia	Andrius Kubilius	European Defence Agency - Bruxelas	22 JAN 2025	https://eda.europa.eu/news-and-events/news/2025/01/22/commissioner-kubilius-calls-for-%27big-bang%27-in-eu-defence
Discurso	Presidente em exercício da OSCE	Elina Valtonen	Viena	23 JAN 2025	https://um.fi/current-affairs/-/asset_publisher/gc654PySnjTX/content/statement-by-h.e.-elina-valtonen-minister-for-foreign-affairs-if-finland-permanent-council-of-the-osce-january-23-2025-1
Entrevista	Presidente da República da Ucrânia	Volodymyr Zelenskyi	Jornal Il Foglio - Roma	27 JAN 2025	https://www.ilfoglio.it/tag/volodymyr-zelensky/
Declaração	Secretário-Geral da NATO	Mark Rutte	Lisboa	27 JAN 2025	https://www.nato.int/cps/ge/natohq/opinions_232562.htm?selectedLocale=en
Declaração	Primeiro-Ministro da República Portuguesa	Luís Montenegro	Lisboa	27 JAN 2025	https://www.nato.int/cps/ge/natohq/opinions_232562.htm?selectedLocale=en
Declaração	Presidente da República da Ucrânia	Volodymyr Zelenskyi	Kiev	29 JAN 2025	https://www.president.gov.ua/en/news/speeches
Conferência de Imprensa	Ministro da Defesa da Suécia	Pal Jonson	Estocolmo	30 JAN 2025	https://www.government.se/government-of-sweden/ministry-of-defence/pal-jonson/
Declaração	Presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa	Theodoros Rousopoulos	Parliamentary Assembly of the Council of Europe - Estrasburgo	30 JAN 2025	https://pace.coe.int/en/pages/president
Declaração	Diretora do Centro para os Estudos Europeus na Fundação Rondeli	Kaha Gogolashvili	Tbilisi	30 JAN 2025	https://www.interpressnews.ge/en/article/137292-kakha-gogolashvili-if-georgia-refuses-to-cooperate-members-of-the-parliamentary-assembly-of-the-council-of-europe-may-demand-that-the-country-leave-the-council-of-europe/

Declaração	Presidente da República da Ucrânia	Volodymyr Zelenskyi	Kiev	1 FEV 2025	https://www.president.gov.ua/en/news/speeches
Discurso	Presidente do Conselho Europeu	António Costa	Bruxelas	4 FEV 2025	https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2025/02/04/speech-by-president-antonio-costa-at-the-eu-ambassadors-conference-2025/
Declaração	Presidente da República da Ucrânia	Volodymyr Zelenskyi	Kiev	5 FEV 2025	https://www.president.gov.ua/en/news/speeches
Declaração	Diplomata e porta-voz do Presidente da Federação Russa	Dmitry Peskov	Moscovo	5 FEV 2025	https://www.reuters.com/world/europe/zelenskiy-says-europe-must-be-present-negotiations-ending-war-2025-02-04/
Conferência de Imprensa	Presidente dos Estados Unidos da América	Donald Trump	Washington DC	5 FEV 2025	https://www.pravda.com.ua/eng/news/2025/02/5/7496802/
Declaração	Presidente da República da Ucrânia	Volodymyr Zelenskyi	Kiev	6 FEV 2025	https://www.president.gov.ua/en/news/speeches
Entrevista	Porta-voz do Presidente da República da Ucrânia - período 2019-2021	Iuliia Mendel	Kiev	7 FEV 2025	https://www.france24.com/en/tv-shows/t%C3%AAte-%C3%A0-t%C3%AAte/20250205-majority-of-ukrainians-want-ceasefire-with-russia-zelensky-s-ex-spokesperson-says
Declaração	Presidente do Comité Militar da NATO	Almirante Giuseppe Cavo Dragone	Kiev	7 FEV 2025	https://thegaze.media/news/nato-military-committee-chair-meets-president-zelenskyy-during-first-visit-to-ukraine-says-supporting-kyiv-is-in-the-alliances-interest
Declaração	Diretor do *Carnegie Endowment's American statecraft programme*	Christopher S Chivvis	Washington DC	10 FEV 2025	https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/feb/10/donald-trump-end-war-ukraine-peace
Declaração	Secretário de Estado dos EUA	Marco Rubio	Washington DC	10 FEV 2025	https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/feb/10/donald-trump-end-war-ukraine-peace
Discurso	Secretário de Defesa dos EUA	Pete Hegseth	Bruxelas	12 FEV 2025	https://www.defense.gov/News/Speeches/Speech/Article/4064113/opening-remarks-by-secretary-of-defense-pete-hegseth-at-ukraine-defense-contact/
Discurso	Vice-Preseidente dos EUA	J. D. Vance	Conferência de Segurança de Munique	14 FEV 2025	https://www.lemonde.fr/en/international/article/2025/02/15/in-munich-jd-vance-declares-ideological-war-on-europe_6738189_4.html
Declaração	Alto representante da UE para a política externa e segurança	Kaja Kallas	Conferência de Segurança de Munique	14 FEV 2025	https://www.bbc.com/news/articles/ceve3wl21x1o
Discurso	Presidente da Comissão Europeia	Ursula Von der Leyen	Conferência de Segurança de Munique	14 FEV 2025	https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/speech_25_516
Discurso	Presidente do Conselho Europeu	António Costa	Conferência de Segurança de Munique	14 FEV 2025	https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2025/02/15/speech-by-president-antonio-costa-at-the-munich-security-conference-2025/
Discurso	Presidente da República Federal da Alemanha	Frank-Walter Steinmeier	Conferência de Segurança de Munique	14 FEV 2025	https://www.bundespraesident.de/SharedDocs/Reden/EN/Frank-Walter-Steinmeier/Reden/2025/250214-Munich-Security-Conference.html
Discurso	Primeiro-ministro da República da Eslováquia	Robert Fico	Bratislava	14 FEV 2025	https://www.euractiv.com/section/politics/news/fico-calls-on-eu-to-adapt-to-new-world-order-amid-trump-putin-talks/
Declaração	Primeiro-ministro do Reino Unido	Keir Starmer	Reunião informal de líderes europeus em Paris	17 FEV 2025	https://edition.cnn.com/2025/02/17/europe/europe-ukraine-summit-paris-trump-intl-hnk/index.html
Declaração	Secretário-Geral da NATO	Mark Rutte	Reunião informal de líderes europeus em Paris	17 FEV 2025	https://edition.cnn.com/2025/02/17/europe/europe-ukraine-summit-paris-trump-intl-hnk/index.html
Declaração	Enviado especial dos EUA para a Ucrânia e Rússia	Keith Kellogg	Kiev	19 FEV 2025	https://kyivindependent.com/trumps-envoy-kellogg-arrives-in-kyiv/
Declaração	Presidente dos Estados Unidos da América	Donald Trump	Washington DC	19 FEV 2025	https://www.bbc.com/news/articles/cjev2j70v19o
Declaração	Conselheiro dos EUA em matérias de segurança nacional	Mike Waltz	Washington DC	20 FEV 2025	https://censor.net/en/news/3536844/waltz-on-trump-s-desire-to-receive-compensation-from-ukraine
Declaração	Empregado especial do governo dos EUA	Elon Musk	Washington DC	20 FEV 2025	https://www.aa.com.tr/en/russia-ukraine-war/elon-musk-calls-for-elections-in-ukraine-/3487274
Declaração	Vice-Preseidente dos EUA	J. D. Vance	Washington DC	20 FEV 2025	https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/vice-presidente-dos-eua-alerta-zelensky-contra-criticar-trump-em-publico/
Declaração	Presidente da República Francesa	Emmanuel Macron	Paris	20 FEV 2025	https://www.ukrainianworldcongress.org/macron-france-stands-with-ukraine-leads-efforts-for-peace-in-europe/
Declaração	Ministro dos Negócios Estrangeiros da China	Wang Yi	Joanesburgo - G20	21 FEV 2025	https://www.dn.pt/internacional/mne-chin%C3%AAs-diz-que-se-est%C3%A1-a-abrir-janela-para-a-paz-na-ucr%C3%A2nia-ap%C3%B3s-reuni%C3%A3o-em-riade
Declaração	Comissário Europeu da Defesa da União Europeia	Andrius Kubilius	Bruxelas	21 FEV 2025	https://www.publico.pt/2025/02/21/mundo/noticia/franca-reino-unido-dao-passos-criar-forca-europeia-paz-ucrania-2123416
Entrevista	Presidente da República da Ucrânia	Volodymyr Zelenskyi	Kiev	23 FEV 2025	https://www.bbc.com/news/articles/cn9vx01evp9o
Discurso	Secretário-Geral da ONU	António Guterres	Nova Iorque	23 FEV 2025	https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&channel=entpr&q=where+is+the+un
Declaração	Presidente dos Estados Unidos da América	Donald Trump	Washington DC	24 FEV 2025	https://www.reuters.com/world/macron-arrives-white-house-ukraine-talks-with-trump-2025-02-24/
Declaração	Presidente da República Francesa	Emmanuel Macron	Washington DC	24 FEV 2025	https://www.reuters.com/world/macron-arrives-white-house-ukraine-talks-with-trump-2025-02-24/
Declaração	Presidente dos Estados Unidos da América	Donald Trump	Washington DC	26 FEV 2025	https://www.ndtv.com/world-news/ukraine-can-forget-about-joining-nato-donald-trump-7802381
Declaração	Presidente dos Estados Unidos da América	Donald Trump	Washington DC	28 FEV 2025	https://www.theguardian.com/world/live/2025/feb/28/volodymyr-zelenskyy-donald-trump-us-minerals-deal-russia-ukraine-live-news
Declaração	Presidente da República da Ucrânia	Volodymyr Zelenskyi	Washington DC	28 FEV 2025	https://www.theguardian.com/world/live/2025/feb/28/volodymyr-zelenskyy-donald-trump-us-minerals-deal-russia-ukraine-live-news

Tabela 3 – Síntese das ideias-chave

Indicadores	Ideia-chave	Ator geopolítico
Posição chinesa	China defende a não expansão do campo de batalha ucraniano.	A15
Posição chinesa	China defende a ausência de escalada do conflito.	A15
Posição chinesa	China releva a importância de que nenhum ator externo contribua para alimentar o conflito.	A15
Perceção europeia face à posição chinesa	O aumento do apoio chinês à Rússia afeta negativamente os interesses de segurança europeia.	A16
Posição chinesa	A China opõe-se a quaisquer sanções unilaterais não aprovadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas.	A17
Posição chinesa	A China não providencia armamento para o conflito e controla a sua exportação.	A17
Posição da União Europeia	Defende que os Estados-membros da União Europeia devem aumentar a sua despesa na Defesa.	B1, B2
Posição da NATO	Apelo para mais gastos na Defesa e para a adoção de mentalidade de guerra.	C1
Posição da NATO	Apelo ao reforço da produção industrial da Defesa dos Estados-membros (demasiado frágil e fragmentada).	C1
Posição da Rússia	A Rússia prepara-se para um conflito de longa duração com a Ucrânia.	C1
Posição da Rússia	A Rússia não pretende o congelamento do conflito com as atuais linhas da frente a definirem fronteiras.	A2
Posição da Rússia	A Rússia não concorda com a integração da Ucrânia na NATO (ainda que protelada no tempo).	A2
Posição da Rússia	A expansão da NATO para Leste é uma das principais causas do conflito ucraniano.	A2
Posição da Rússia	A Ucrânia deverá permanecer com um estatuto neutral, após o conflito.	A2
Posição da Rússia	Militares da NATO e mercenários ajudam a planear e a controlar os ataques ucranianos.	A2
Posição da Rússia	A Rússia continuará a sua parceria estratégica com a Coreia do Norte, especialmente no auxílio mútuo a ameaças.	A2
Posição da Finlândia	A mudança de perceção da ameaça russa, após a invasão da Ucrânia, fez com que os Finlandeses julgassem chegada a hora de integrar a Aliança Atlântica. A integração finlandesa melhorará a estabilidade geral da região.	A3
Posição da Finlândia	A Finlândia mantém um dos mais fortes exércitos da Europa, porque já teve que lidar com invasões russas no passado. O facto de passar a integrar a estrutura de comando da NATO permitirá uma melhor entreajuda entre os países nórdicos vizinhos, bem como com os países bálticos.	A3
Dinâmica do conflito	Uma resolução política só será conseguida quando as partes estiverem exaustas, militarmente, o que ainda não é o caso.	D1
Dinâmica do conflito	O apoio ocidental é fulcral para a sustentação do esforço ucraniano e a não aceitação de neutralidade forçada. A ausência de apoio ocidental representará uma possibilidade de nova invasão russa.	D1
Dinâmica do conflito	A melhor garantia de segurança ucraniana seria a NATO, mas existem também possibilidades bilaterais que poderão ser exploradas.	D1
Dinâmica do conflito	A Rússia está a exaurir a sua força de combate, humana e material e a gastar muito do seu orçamento na economia de guerra, o que se poderá traduzir em exaustão social e à eventual retirada do território ucraniano.	D1
Posição da Ucrânia	Em 2025, será importante tomar decisões relativas à integração na União Europeia, cujas negociações começaram em 2024, mas também em relação à NATO.	A4
Posição da Ucrânia	"Trump poderá ser decisivo. Será capaz de ser decisivo nesta guerra. Ele pode sem dúvida parar Putin. Ou, para ser mais justo para connosco, ajudar-nos a parar Putin."	A4
Posição da Ucrânia	"Uma vitória significa que não perderemos as nossas terras e a nossa independência. Uma paz justa representa uma Ucrânia forte, com sérias garantias de segurança e que previnam Putin de voltar a atacar. Importante também será manter um Exército forte. Importante será integrarmos a União Europeia e obtermos garantias de segurança que só a NATO pode fornecer."	A4
Posição da França	Não poderá haver soluções de segurança europeia sem a participação dos europeus na discussão, e nenhuma solução poderá apenas ser atingida apenas pela via militar (terá que incluir a via diplomática).	A5
Posição da França	A Europa precisa de acordar e proteger-se a si própria. Deixar a Ucrânia capitular será também uma capitulação da França e da Europa.	A5

Posição dos EUA (administração Biden)	O mundo é hoje muito mais complexo e a parceria EUA / França é essencial para que se construa um mundo melhor.	A6
Posição dos EUA (administração Biden)	Um cessar-fogo será da maior importância, no pressuposto que a Rússia não voltará a atacar a Ucrânia. Verificamos um percurso semelhante ao Georgiano.	A6
Posição da União Europeia	Deparamo-nos com um mundo fragmentado e polarizado, de desordem e complexidade.	B2
Posição da União Europeia	Deparamo-nos com um mundo em que a política do poder ressurgiu, enfraquecendo as regras de ordem internacionais.	B2
Posição da União Europeia	Deparamo-nos com o uso da guerra como ferramenta geoplítica para proteger interesses nacionais.	B2
Posição da União Europeia	Apoio continuado à Ucrânia, para que se consiga uma paz justa, escolhida pela Ucrânia.	B2, A4
Posição da União Europeia	Alargamento da União Europeia à Ucrânia, Moldávia e Balcãs.	B2
Posição da União Europeia	Conceito "Europe of Defence", alicerçado no reforço das capacidades, financiamento e parcerias.	B2
Posição da Ucrânia	Defende a presença dos EUA e União Europeia nas negociações de paz.	A4
Posição da Ucrânia	Defende a manutenção da pressão internacional à Rússia, através de sanções.	A4
Posição da Rússia	Defende que Volodymyr Zelenskyi não é o presidente legítimo da República da Ucrânia (por inexistência de mandato democrático).	A18
Posição da Ucrânia	"Talvez não consigamos ganhar a guerra, militarmente, e tenhamos que pensar no nosso povo."	A19
Posição da Ucrânia	As negociações serão difíceis porque as linhas vermelhas de Moscovo são a não adesão à NATO.	A19
Posição da Ucrânia	Há Estados da NATO que opõem à adesão ucraniana à NATO, por receio de escalada do conflito.	A19
Posição da Ucrânia	Não é realista trocar tantas vidas humanas pela ilusão de um convite para ingressar na NATO.	A19
Posição da Ucrânia	A população, especialmente nas regiões afetadas por bombardeamentos, anseiam por um cessar-fogo.	A19
Posição dos EUA	O número de mortos ucranianos ascende a 700.000 e, do lado russo, 800.000, números que podem ser superiores.	A10
Posição da NATO	A Ucrânia permanece uma das maiores prioridades da NATO, bem como o compromisso de lhe fornecer 40 mil milhões de USD (cimeira de Washington).	C2
Posição da NATO	Importância dos *NATO Special Security Assistance and Training Mission for Ukraine and the NATO-Ukraine Joint Training and Analysis Centre* .	C2
Posição dos EUA	Os EUA desejam que a China influencie a Rússia para terminar o conflito.	D3
Posição dos EUA	A Guerra devastou as economias, os exércitos e as populações da Rússia e da Ucrânia (que perdeu um quarto da sua população - 10 milhões).	A20
Posição da União Europeia	A União Europeia não apoiará uma solução de cessar fogo desfavorável à Ucrânia.	B5
Posição dos EUA	Um armistício daria tempo à Rússia para se reagrupar e regressar às hostilidades, com mais violência.	D3
Posição dos EUA	Recusa a adesão da Ucrânia à NATO, considera irrealista o regresso às fronteiras pré-2014, recusa *US peacekeepers* e Art. 5º em território ucraniano.	A21
Posição dos EUA	Os EUA permanecem comprometidos com a NATO mas não aceitarão que a Europa permaneça dependente da sua ajuda para a defesa do continente.	A21
Posição dos EUA	Os maiores perigos para a Europa não vêm da China ou da Rússia, mas sim de dentro da Europa, nomeadamente pela imigração em massa.	A22
Posição dos EUA	Acusa os políticos europeus de adulterarem eleições (Roménia) e de utilizarem a desinformação como arma política contra opiniões divergentes.	A22
Posição dos EUA	Reforçou o comprometimento dos EUA com a segurança europeia, mas forçando os Estados europeus a gastar mais em Defesa.	A22
Posição da União Europeia	Aumenta a perceção de uma guerra ideológica e cultural entre os EUA e a Europa.	B5
Posição da União Europeia	"Estamos a fortalecer a nossa competitividade, a aumentar a nossa capacidade de Defesa e a apostar na inovação e Inteligência artificial."	B3
Posição da União Europeia	Uma paz justa significa que a paz da Ucrânia não pode ser dissociada da segurança na Europa.	B2
Posição da União Europeia	Não haverá segurança na Europa sem uma posição de força. Essa é a razão da construção da Europe of Defence, conceito da reunião de Versailles.	B2
Posição da Alemanha	Mesmo as grandes potências necessitarão de aliados, no séc XXI. A Europa precisará de investir mais em Defesa.	A23

Posição da Alemanha	"We are subjects, not objects, in the international order".	A23
Posição da Alemanha	A ausência de regras não se pode tornar o princípio que guia a nova ordem internacional.	A23
Posição do Reino Unido	O Reino Unido está preparado para destacar forças para o terreno, que assegurem um acordo de paz duradouro.	A24
Posição da NATO	Iniciaram-se discussões sobre colocar forças no terreno. Aos EUA será solicitado que providenciem apoio ao contingente a destacar.	C1
Posição dos EUA	Reitera as palavras do Presidente dos EUA, relativas à necessidade de cessação do conflito, no mais curto espaço de tempo.	A25
Posição dos EUA	Os EUA alegam ter desaparecido metade do financiamento concedido à Ucrânia e acusam Zelensky de ser um ditador (sem eleições).	A10
Posição da Ucrânia	A Ucrânia acusa os EUA de disseminarem desinformação, propagandeada pela Rússia (menção a aprovação interna do presidente a 4%).	A4
Posição dos EUA	Os EUA merecem ser ressarcidos do investimento realizado na Ucrânia. A era de destruição e perda de centenas de milhar, senão milhões de vidas humanas, bem como de centenas de milhar de milhões de dólares terá que terminar, mesmo que alguns não o reconheçam ainda.	A26
Posição dos EUA	Zelensky não pode argumentar representar a vontade do povo enquanto não restaurar a liberdade de imprensa e parar de cancelar eleições.	A27
Posição dos EUA	Os EUA consideram vergonhosas e contraproducentes as declarações depreciativas de Zelensky sobre a administração Trump, atacando a única razão da ainda existência da Ucrânia, como país.	A22
Posição de França	"Apoiamos a Ucrânia e seremos responsáveis pela paz e segurança na Europa. Isto representa um interesse fundamental da França, do qual sou o responsável."	A9
Posição da China	Devemos trabalhar juntos como guardiões da paz mundial. Todos os países devem respeitar a soberania e a integridade territorial uns dos outros, bem como a sua escolha, independente, do caminho de desenvolvimento e sistema social. Está a abrir-se uma janela para a paz na Ucrânia	A17
Posição da União Europeia	Anunciou um novo pacote de ajudas à Ucrânia, para mostrar aos ucranianos e ao mundo que a União Europeia continua ao lado da Ucrânia.	B1
Posição da OSCE	Salienta a importância do respeito pelos direitos humanos, a democracia e o primado das leis e da justiça, especialmente no contexto do conflito russo-ucraniano.	B6
Posição da Ucrânia	O Presidente está disposto a abandonar a presidência, em troca da entrada na NATO.	A4
Posição da Eslováquia	Critica as sanções impostas à Rússia, exige a normalização da distribuição de gás, da Rússia para a Eslováquia, e defende o restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com a Rússia.	A28
Posição da Hungria	Opõe-se às sanções russas, impostas pela União Europeia (apesar de as ter deixado passar, após negociação).	A27
Posição da União Europeia	Anulação de fragilidades identificadas pelos Estados-membros, através do recurso à indústria de defesa nacional e à *European Defence Agency* , em coerência com as necessidades da NATO.	B1
Posição dos EUA	Expressou o desejou de um cessar-fogo imediato, negociando-o com Putin e Zelensky. Manifestou a vontade de se deslocar à Rússia, logo que o acordo seja atingido.	A10
Posição de França	Advoga um cessar-fogo, seguido de um acordo de paz, com garantias de segurança ucranianas. Defende a presença de forças de manutenção de paz europeias, para assegurar o acordo de paz.	A9
Posição das Nações Unidas	Apela à paz na Ucrânia, de forma justa e ao respeito pela carta das Nações Unidas.	C3
Posição dos EUA	Declarou que a UE foi criada para prejudicar os EUA e confirmou a implementação de tarifas de 25%.	A10
Posição dos EUA	A Ucrânia precisa de esquecer a NATO, porque essa foi a razão pela qual a guerra começou.	A10
Posição da Ucrânia	A Ucrânia não aceitará apenas um cessar-fogo, pois acredita que ele será de imediato violado pela Rússia.	A4
Posição dos EUA	Insta a Ucrânia a aceitar um cessar-fogo. Acusa a Ucrânia de estar a caminhar para a 3.ª Guerra Mundial e de continuar a brincar com esse assunto.	A10
Posição dos EUA	Acusa a Ucrânia de desrespeitar os EUA e de não expressar agradecimento por toda a ajuda que tem recebido, que ascende a 350 mil milhões de dólares.	A10
Posição dos EUA	Acusa a Ucrânia de brincar com a vida de milhões de pessoas, instando este país a assinar o acordo de cedência de exploração de minerais, como proposto pelos EUA em compensação de toda a ajuda militar recebida	A10
Posição dos EUA	Acusa o presidente ucraniano de, estando na sala oval, atacar a administração que tanto tem ajudado o seu país	A22

Posição da Ucrânia	Acusa a Rússia e Putin de terrorismo, afirmando que não se deverá negociar com terroristas.	A4
Posição da Ucrânia	Recusou a assinatura do acordo de cedência de minerais ucranianos, por ausência de menção expressa a garantias de segurança, por parte dos EUA.	A4
Posição dos EUA	"Ou terminamos de imediato esta guerra ou deixamo-los combater e esperamos para ver o que acontece. Kiev não vai gostar de continuar a combater sem o nosso apoio. Não serão capazes de vencer."	A10
Posição da Polónia	Manifestou o apoio polaco à Ucrânia, após o fracasso da visita de Zelensky aos EUA.	A12
Presidente da França	Manifestou o apoio francês à Ucrânia, após o fracasso da visita de Zelensky aos EUA.	A9
Presidente da Hungria	Manifestou o apoio húngaro às ações dos EUA, após o fracasso da visita de Zelensky a solo americano, afirmando que Donald Trump é o único que está a fazer um esforço por atingir a paz.	A7
Comportamento das economias	Depois da invasão, as economias começaram com um momento de pânico, sobretudo por motivos ligados aos recursos, de que os beligerantes eram exportadores (energia e alimentos). Vindo na sequência do forte choque da pandemia, isso ajudou a criar um surto inflacionista que ainda perdura. Verificando-se um rápido ajustamento de mercados, os preços das matéria-primas aliviaram. Hoje pode dizer-se que, para a maior parte das economias europeias, a guerra tem efeitos muito reduzidos.	E1
Comportamento das economias	Os orçamentos de Estado europeus estão debaixo de uma pressão forte e crescente devido a vários fatores, como o envelhecimento demográfico, a transição climática, a radicalização ideológica e fragilização política dos governos. A ameaça de conflitos militares, antes impensáveis, vai acrescentar ainda mais pressão a essa situação complexa. O que isso significa é que são de prever graves situações financeiras e/ou inflacionstas nas próximas décadas.	E1
Comportamento das economias	As sanções aplicadas à Rússia foram as mais violentas de sempre, na dimensão, profundidade e abrangência. Elas quebraram a infraestrutura económica mundial, pondo em risco a unidade global que antes se vivia, em várias dimensões. A ameaça é que o mundo se divida em mercados estanques. Os efeitos das sanções sobre a economia russa foram violentos, mas sem impactos sobre o esforço bélico. Isso signficia que as populações sofreram carências e perda de bem-estar, mas como se vive num estado autoritário, isso até agora não fragilizou politicamente o regime. Por outro lado, como as sanções reduziram as importações de bens ocidentais e não impediram as exportações da Rússia, o excedente externo da economia russa até aumentou, permitindo-lhe comprar mais material de guerra.	E1
Evolução da despesa militar	As preocupações com a crescente tendência isolacionista dos EUA que, segundo alguns autores, teve início durante a administração Obama e se tornou mais notória recentemente, ampliadas pelas repetidas invasões e ocupações de partes da Ucrânia pela Rússia, desfizeram a ideia de paz eterna na Europa e geraram urgência no esforço de reforçar o pilar europeu da NATO. Coincidindo com este contexto, o compromisso assumido pelos Aliados para inverterem a tendência de redução dos seus investimentos em Defesa já tem mais de uma década, tonando-se evidente que, nalguns casos, a percentagem indicada inicialmente seria insuficiente.	E2
Evolução da despesa militar	Para além das diferentes dinâmicas económicas, também a maior ou menor proximidade geográfica com o conflito na Ucrânia gerou taxas de crescimento assimétricas da despesa com a Defesa dos Estados europeus.	E2
Evolução da despesa militar	O aumento já verificado é, assim, caracterizado por uma assimetria geográfica, refletindo diferentes perceções da ameaça e diferentes graus de urgência na adoção de uma mentalidade de guerra e desconexão da dimensão económica dos estados, já que as maiores economias europeias se situam apenas na mediana da despesa com a defesa da NATO, em relação ao seu produto interno bruto.	E2
Evolução da despesa militar	Perante a necessidade da generalidade dos Estados aumentarem as suas despesas com a Defesa – sem que outros sectores da sua atividade sejam afetados nos recursos disponíveis – na perspetiva política, torna-se imperativo que os investimentos sejam caracterizados pelo envolvimento volumoso da indústria europeia, cuja capacidade de resposta é ainda questionável.	E2
Posição da UE e da NATO	De uma forma genérica, a UE e a NATO têm coincidido na condenação das ações russas e no apoio à Ucrânia, através do financiamento e cedência de equipamentos militares. Adicionalmente, a UE dispõe de ferramentas – como as sanções económicas – que tem imposto à Rússia de forma repetidamente ampliada, tendo ainda os seus Estados-membros implementado estratégias para reduzir a dependência energética daquele país.	E2
Posição da China	A China tem adotado uma postura de ambiguidade estratégica, assinalando o respeito pela integridade territorial da Ucrânia, mas beneficiando economicamente da importação de energia russa a baixo preço, algo que tem interesse em preservar.	E2

Posição dos EUA	Por descortinar permanece a forma como a nova administração dos EUA irá abordar o conflito, pouco disposta a manter o apoio financeiro anteriormente conferido à Ucrânia e aparentemente mais interessada no pós-conflito e nas oportunidades económicas que ali se apresentarão.	E2
Posição da UE e da NATO	Os efeitos decorrentes da guerra na Ucrânia assumem mais uma forma de despertar violento, do que de motor de mudança da arquitetura de segurança europeia. Latente desde sempre, mas mais visível desde a invasão da Crimeia em 2014, emergiu na Europa uma noção de complementaridade entre a UE e a NATO, passando a ser referido mais frequentemente o conceito de *single set of forces* de cada Estado. É globalmente unânime que a segurança da Europa se materializa no seio da NATO – com a sua abordagem a 360º e tendo em conta as ameaças associadas à postura russa e ao terrorismo – mas resulta também evidente que a Aliança será mais forte com um pilar europeu de Defesa mais robusto e capaz de dissuadir agressões externas.	E2
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	Um armistício, sem retirada da Rússia dos territórios ocupados, pode ser caracterizado também como vitória russa. Neste sentido, a maior ameaça é a perceção gerada na comunidade internacional de que a expansão territorial através da agressão a Estados vizinhos pode ter resultados remuneradores. As oportunidades que esta situação apresenta resultam da necessidade política e da atual aceitação pelas sociedades dos efeitos negativos decorrentes da canalização de maiores volumes de recursos para a área da defesa.	E2
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	Guerra de longa duração (atrição): A maior ameaça para a Europa decorre da exaustão económica dos Estados, que podem reduzir progressivamente o seu apoio militar à Ucrânia, com potenciais efeitos desagregadores no seio da Aliança e da UE. Adicionalmente, o cansaço das sociedades – perante os efeitos nefastos da guerra nos seus modos de vida – poderá gerar indiferença e, a longo prazo, a desmobilização dos seus líderes políticos. Esta é, em certa medida, a situação atual na Ucrânia, sendo especialmente difícil de sustentar pela dificuldade crescente deste país em recrutar novos combatentes.	E2
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	Vitória ucraniana: Como ameaça, neste cenário – muito difícil de concretizar se isso significar a recuperação de todos os territórios ocupados, incluindo a Crimeia – pode surgir a tentação de os Estados europeus reduzirem a urgência e dimensão dos seus investimentos em Defesa, imperativos por agora. As oportunidades mais imediatas apresentam-se à NATO e à UE, para expansão a Leste, com impacto nas dimensões económica e no setor da segurança e defesa.	E2
Posição das Instituições Europeias e Evolução da despesa militar	Durante décadas, talvez desde a sua fundação, a União Europeia, embora uma potência económica nunca deu prioridade à edificação de uma defesa autónoma europeia, baseando a sua defesa na NATO e sempre fundamentada no apoio militar dos EUA. A UE após o fim da guerra-fria, desinvestiu fortemente na sua Segurança e Defesa, agravado com o fim da URSS e do Pacto de Varsóvia.	E3
Posição da UE e comportamento das economias	Aumentar os orçamentos de defesa para valores superiores a 3% não é fácil, e vai exigir grandes investimentos, que poderão se efetuados, seguindo por dois caminhos, através de aumentos orçamentais pondo em causa a qualidade de vida dos cidadãos, isto é, afetando a os serviços sociais, a saúde, entre outros cortes, ou em alternativa o orçamento da UE comtemplar esses custos, através de financiamento por bancos e fundos de investimento. (este é um assunto mais complexo e que implica o desenvolvimento da Base Industrial de Defesa (*Defense Industrial Base – DIB*) europeia.	E3
Economia dos Estados e evolução da despesa militar	Em síntese, é imperativo um aumento dos orçamentos de Defesa na Europa, para fazer frente às mais que prováveis ameaças da Rússia no médio-prazo, ameaças cinéticas e hibridas.	E3
Posição dos EUA & UE e dinâmica do conflito militar	A Europa, os EUA e a NATO rapidamente reagiram com o seu apoio à Ucrânia para conter os avanços das forças russas desde 2022, erros foram cometidos pelos americanos e pelos europeus nos apoios à Ucrânia. O presidente americano Joe Biden e a União Europeia sempre trataram a guerra na Ucrânia como uma crise e nunca assumiram como uma guerra que poderia pôr em causa a geopolítica europeia e mesmo mundial. Como resultado, a guerra prolongou-se por mais de três anos e está num impasse, sem, na minha opinião um provável vencedor.	E3
Posição dos EUA e evolução da despesa militar	Os EUA, num novo tempo de "*Power Competition* ", particularmente com a China, mesmo com um orçamento militar estratosférico (com o reforço apresentado no Senado pode atingir em 2025 1 trilião de US$), não tem capacidade de lidar simultaneamente com as ameaças na Ásia, na Europa e no Médio Oriente, vai certamente precisar do apoio da Europa na contenção dessas ameaças. É muito provável que os EUA não venham a abandonar a NATO, nem na forma nem de facto. O presidente dos EUA não tem autoridade para sair da NATO, isso é responsabilidade do Congresso, contudo, pode, através de diretivas presidenciais reduzir a operacionalidade do seu apoio.	E3

Posição da UE	A União Europeia atravessa um período de alguma erosão, política, social e securitária, resultado da guerra na Ucrânia e agravada com a eleição do novo presidente americano, será que caminhamos para uma transição para um diferente modelo de relacionamento euro-atlântico, onde o poder militar, a base industrial de inovação e capacidade financeira serão decisivas? Provavelmente sim.	E3
Posição da Europa	A Europa tem de finalmente acordar, investir numa capacidade de defesa autónoma, desenvolver uma base industrial de defesa e, muito importante, investir e desenvolver as indústrias europeias capazes de competir com a América e com a China, como bem explicitado no relatório de Mário Draghi. A Europa precisa de voltar a ter voz ativa no concerto das nações, e fundamentalmente desenvolver uma capacidade de dissuasão que evite futuras aventuras agressivas, nomeadamente por parte da Rússia.	E3
Posição da China	A China como país fundamentado na filosofia confunciana, é bastante opaco nas suas intenções. O seu principal interesse é o de diminuir a importância da potência hegemónica (América) na nova ordem mundial. Contudo a sua posição em relação à Rússia tem sido dúbia, apoiada nas palavras e nas intenções, mas na prática pouco tem contribuído para o esforço da guerra. Não devemos esquecer que a China exporta mais de 50% da sua produção industrial para a América e para a União Europeia, por isso é cuidadosa.	E3
Posição da NATO e UE	Qualquer acordo imposto à Ucrânia e com objeções dos países europeus da Aliança e da UE, irá fraturar a união transatlântica e enfraquecer a coesão da segurança europeia.	E3
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	O congelamento seria a pior solução para os beligerantes e também para Europa, que teria custos financeiros elevados para manter a máquina militar ucraniana pronta a combater. Para a Rússia traria alguns benefícios, dando-lhe um tempo precioso para se reequipar militarmente e repor os seus efetivos militares.	E3
Posição da Rússia	Putin teme que, ao perder a guerra, ou não atingir os seus principais objetivos, pode perder o seu domínio ditatorial sobre a Rússia. Manter o esforço de uma guerra prolongada, tem custos elevadíssimos para a economia russa no médio-longo prazo. Uma economia de guerra que consome quase 40% do orçamento do Estado, conduz ao definhar da indústria, com a exceção da indústria de defesa, e ao empobrecimento da população.	E3
Posição da Rússia e da China	Como resultado da Guerra, as relações diplomáticas com o Ocidente estão completamente interrompidas ou inexistentes, o seu capital moral absolutamente delapidado, tornando-se um Estado fortaleza e satélite da China – a história irá considerar isto não como um triunfo, mas sim como uma derrota.	E3
Posição da União Europeia / Evolução da despesa militar	A necessidade de investir mais em Defesa tem vindo a ser bastante discutida e a guerra na Ucrânia veio demonstrar que a Europa não está livre de guerras. Para que se invista mais, e agora indo para valores além dos 2%, é necessário que a indústria responda, nomeadamente a europeia. A Comissão Europeia apresentou a Estratégia Europeia da Indústria de Defesa (EDIS) em março de 2024, visando fortalecer a Base Tecnológica e Industrial de Defesa Europeia (BTIDE) até 2035. Os objetivos incluem 40% das aquisições de equipamentos de defesa de forma colaborativa até 2030, 35% do valor do comércio de defesa intra-UE até 2030, e um aumento progressivo das aquisições à BTIDE para 50% até 2030 e 60% até 2035.	E4
Posição da China e dos EUA	Os EUA têm tido bastante vocais e ativos nesta guerra, liderando esforços diplomáticos e fornecendo assistência militar substancial à Ucrânia. No entanto, com a nova administração Trump, existe incerteza sobre a futura política americana em relação ao conflito. Esta potencial mudança poderá ter implicações significativas na dinâmica do apoio ocidental à Ucrânia. A própria China, embora apoiando verbalmente a RUS, tem mantido um certo afastamento do conflito. Esta postura reflete a complexidade dos interesses geopolíticos chineses na região euro-asiática, procurando, por isso, equilibrar o seu alinhamento estratégico com a RUS e os seus interesses económicos globais, evitando um envolvimento direto que possa prejudicar as suas relações com o Ocidente.	E4
Posição da China, EUA e UE	Até recentemente NATO, EUA e UE, tirando o caso da Hungria, falaram, no plano teórico, a uma só voz, de apoio, mas na concretização de promessas feitas o relógio dos aliados raramente acompanhou o das necessidades no terreno da Ucrânia. A China continua a vocalizar uma postura de “estar bem com Deus e com o diabo” mas nunca usa o seu peso real para definr linhas vermelhas, a não ser quando estas lhe tocam directamente, como é o caso do dossier Taiwan.	E5
Posição da UE	Uma verdadeira capacidade militar da Europa para enfrentar um conflito de larga escala, autonomamente ou como pilar europeu da NATO ,é uma realidade distante, em que o ator principal será a Alemanha , desempenhando a França e o Reino Unido papéis também relevantes. No jogo geopolítico a Europa precisa de ganhar tempo.	E6
Posição dos EUA e UE	Neste momento , face às mudanças radicais impostas pela administração Trump, quer a NATO , quer a UE, debatem-se com assimetrias , dissonâncias de perspetivas e dificuldades de liderança, em que será difícil encontrar uma linha estratégica comum. Os EUA iniciaram uma aproximação decisiva à Rússia impondo a desconstrução da arquitetura de segurança vigente após a 2ª Grande Guerra.	E6

Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	As verdadeira ameaça para a Europa vista do « lado de cá » será a possibilidade de, a prazo, a Federação Russa , encorajada pela conquista do Donbass e da Crimeia prossiga no desígnio estratégico de reconstrução da antiga União Soviética. Este risco ou ameaça será decisivamente potenciado pela possível incredulidade da Europa em que tal possa vir a acontecer. A única oportunidade que consigo vislumbrar é a da Europa acreditar nessa possibilidade e preparar-se, através da dissuasão, para que tal não venha a acontecer . Quer o armistício, quer a guerra de atrição serão episódios temporários.	E6
Posição da Europa e EUA	Efetivamente, desde o final da Segunda Guerra Mundial que a segurança europeia tem sido assegurada pelos Estados Unidos da América, através da NATO. Os países europeus, liderados pela França tentaram, sem sucesso, criar uma política comum de defesa que desse mais autonomia ao continente.	E7
Posição dos EUA	Com a reeleição de D. Trump, foi publicamente assumido que a segurança europeia não é mais uma prioridade. Os países europeus no seio da NATO, que gozaram até então de um estatuto privilegiado de proteção, onde poucos cumpriam a meta estabelecida de gastar 2% do PIB em defesa, vêem-se agora de caras com uma política de *America first* , em que lhes é exigido uns inatingíveis 5%.	E7
Posição da UE	Conceptualmente, a UE possui vários instrumentos que projetou para a sua segurança e defesa, como os *Battlegroups* e as missões de Petersberg.	E7
Posição da UE / NATO	A guerra na Ucrânia e um possível afastamento dos Estados Unidos da Europa/NATO pode finalmente gerar um efeito catalisador para aprofundar as suas políticas, criando uma sólida política de segurança e Defesa. Neste sentido acredito que a guerra na Ucrânia e o afastamento dos EUA dos assuntos europeus levará inevitavelmente à construção de uma PCSD com uma dimensão mais supranacional, à semelhança de outras políticas da UE, criando uma estrutura independente que lhe permitirá dotar-se dos meios e de um orçamento próprio, à semelhança do que acontece na NATO, onde esta política se encontra há muito implementada e funciona.	E7
Posição da China	Já a China manteve, com é apanágio na sua política externa, uma neutralidade estratégica, com viés pró Rússia observando e tirando lições para um eventual conflito em Taiwan, no futuro.	E7
Posição da ONU	No que diz respeito à Guerra da Ucrânia, a ONU mostrou mais uma vez a sua incapacidade de influenciar a ordem mundial. Nas mãos dos países que têm poder de veto no Conselho de Segurança, teve no voto contra dos Estados Unidos à resolução da Assembleia Geral que condenava a Rússia pela agressão à Ucrânia, mais um exemplo do quão difícil é para esta organização afirmar-se, no atual padrão decisório.	E8
Posição da Rússia	Vladimir Putin tem a “expansão” do flanco Leste da NATO como um dos principais argumentos para a intervenção na Ucrânia e isso colocou a Aliança no centro de toda a dinâmica gerada por esse acontecimento.	E8
Posção da NATO	Consequência deste conflito, no imediato observou-se a uma transformação da Aliança. O conceito de DDA dá corpo a este processo, porquanto muito mais complexo e intrincado, do que se poderá resumir aqui. Um conjunto de indicadores caracterizam este processo, com ênfase num novo modelo de forças (mais robusto, maior número, maior prontidão e maior disponibilidade), num conjunto de planos holísticos, que visam dotar a aliança de uma maior capacidade de resposta, coadjuvado por um modelo de comando e controlo, também ele reforçado e reajustado para as novas ameaças e respetivas capacidades, como sejam, as operações em multi-domínio.	E9
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	A pausa tática pode servir para esta se reestruturar para uma nova realidade. Serve a Aliança e a UE, em termos de tempo, para se reestruturar em termos de segurança e defesa. Por último – no imediato – permite parar com a destruição e perda de vidas. Não deverá ter expressão significativa em termos económicos pois as nações deverão aproveitar para se rearmar e preparar para uma nova fase do conflito (no futuro) – chamada “paz podre”.	E9
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	O desgaste de uma guerra prolongada pode fragilizar internamente a estabilidade política e económica da Rússia. Poderá ter (já está a ter) como consequência direta o fortalecimento em termos de segurança e defesa por parte do ocidente. Resiliência como dissuasão para um alargar/estender do conflito (*war does not pay off*).	E9
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	A derrota da Ucrânia é também uma derrota do ocidente (NATO e UE) pelo que pode também estimular a agressividade por parte da Rússia e dos seus “aliados”. Resulta num desgaste do ocidente e num reforço da Rúusia com acesso às riquezas implícitas na Ucrânia. Passa a mensagem de que a guerra é opção para as nações totalitárias atingirem os seus objetivos expansionistas.	E9
Posição da UE	A UE, ao contrário da NATO, não possui uma estrutura de comando e controlo militar. Terá que se socorrer desta, enquanto não desenvolver uma capacidade autónoma.	E11
Evolução da despesa militar	Fortalecimento da cooperação Europeia – A criação de instrumentos inovadores como os mecanismos EDIRPA - *European Defence Industry Reinforcement through Common Procurement Act* e o EDIP - *European Defence Industry Programme* , evidencia a aposta europeia em reforçar a base industrial de defesa, promovendo a resiliência e a autonomia estratégica, produzindo mais, mais rápido e em conjunto.	E12

Evolução da despesa militar	Reforço do Pilar Europeu na NATO - O compromisso dos Estados europeus em cumprir a meta de 2% do PIB reafirma o papel central da NATO na segurança europeia, ao mesmo tempo que demonstra uma maior partilha de responsabilidades entre os membros europeus e os EUA, contribuindo para um maior equilíbrio entre a autonomia estratégica europeia e a solidariedade transatlântica.	E12
Posição da NATO	Aumento do apoio militar à Ucrânia. Embora a NATO, enquanto organização, não tenha fornecido armamento diretamente, os países membros têm enviado um volume significativo de ajuda militar, incluindo sistemas avançados de armas, munições e suporte logístico.	E12
Posição da UE	A União Europeia não só apoia a Ucrânia diretamente, mas também reforça a sua própria capacidade de Defesa, preparando-se para desafios futuros e para uma maior autonomia estratégica no contexto global.	E12
Posição da China	A China mantém uma posição ambígua, apoiando a Rússia economicamente enquanto evita antagonizar o Ocidente.	E12
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	Um armistício pode resultar numa paz instável, com a possibilidade de reescalada do conflito a qualquer momento. A ausência de uma resolução definitiva pode manter a região em constante tensão, e a Rússia pode manter ou até aumentar a sua influência nas áreas ocupadas, utilizando-as como pontos estratégicos para futuras operações militares ou políticas. A falta de uma solução clara pode exacerbar divisões entre os membros da UE e da NATO sobre como lidar com a Rússia e apoiar a Ucrânia.	E12
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	Uma guerra prolongada pode levar a um desgaste significativo dos recursos económicos e militares dos países europeus, afetando a sua capacidade de resposta a outras ameaças. A continuação do conflito pode agravar a crise humanitária, com um aumento do número de refugiados e deslocados internos, colocando pressão adicional sobre os sistemas de acolhimento europeus.	E12
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	Uma vitória ucraniana pode levar a uma retaliação russa, incluindo possíveis ataques cibernéticos ou outras formas de guerra híbrida contra países europeus. A derrota pode desestabilizar internamente a Rússia, criando um ambiente de incerteza e potencialmente perigoso para a segurança europeia. A vitória ucraniana pode, também, levar a uma reconfiguração das alianças e influências geopolíticas na região, com possíveis repercussões negativas para a estabilidade europeia.	E12
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	Uma vitória russa pode encorajar a Rússia a expandir ainda mais a sua influência e agressão na Europa, ameaçando a segurança de outros países. A derrota da Ucrânia pode desmoralizar os países europeus e enfraquecer a coesão e a solidariedade dentro da UE e da NATO. Pode, ainda, aumentar a instabilidade na região, com possíveis repercussões negativas para a segurança e a economia europeia.	E12
Posição da UE	O grande desafio é criar sinergias, dentro da UE, evitando os obstáculos que irão surgir dentro e fora da EU, para o desenvolvimento e implementação de capacidades militares. Julgo que a base tecnológica industrial de defesa da UE terá de ser dinamizada e capitalizada de forma objetiva criando a tal autonomia coletiva que acabámos de descobrir que não tínhamos.	E13
Evolução da despesa militar	O reforço das capacidades defensivas europeias no curto prazo implica um aumento significativo dos orçamentos militares, com custos para o modelo social europeu, que serão exploradas interna e externamente.	E14
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	Um cessar-fogo supervisionado por uma força militar europeia substancial, diferentemente dos acordos de Minsk, poderia oferecer um efeito dissuasor real. Isto daria à Ucrânia garantias de segurança reais, independentemente de entrar na NATO ou não. O efeito prático seria o mesmo, um período de relativa estabilidade também permitiria à Europa acelerar o desenvolvimento de suas capacidades defensivas autónomas e reestruturar a sua postura de segurança coletiva.	E14
Posição da UE / NATO	Ausência de centro de comando e controlo unificado europeu. Usar a NATO enquanto não o temos.	E15
Posição das Potências Hegemónicas	É a força que obriga à mudança e que impõe um novo direito que a justifica. A força faz o Direito, não é o Direito que faz a força.	E16
Dinâmica do conflito militar russo-ucraniano	Caso os EUA cessem o apoio à Ucrânia, a vitória russa pode ser uma realidade. este cenário poderá ser o mais gravoso para a Europa porque vai contribuir para "alimentar", e eventualmente, aumentar as intenções expansionista da Rússia. Diminuirá a credibilidade da UE, NATO e de todos os países que apoiaram abertamente a Ucrânia, contribuindo para reconfigurar a arquitetura de segurança europeia. Aumentará as intenções expansionistas da Rússia para regiões da Europa que têm uma parte da população russófona (Países Bálticos e Moldávia).	E17
Posição da UE	Necessidade de assunção séria de responsabilidades com a defesa europeia, por parte dos países europeus e reconfiguração do pilar atlântico da defesa europeia por, aparentemente, haver um afastamento dos EUA das dinâmicas de defesa da Europa e da NATO, em favor da Ásia/Pacífico.	E18

Apêndice D – O conflito russo-georgiano e o seu paralelismo com a Guerra na Ucrânia

O conflito russo-georgiano, cujo auge se materializou em cinco dias de guerra aberta, em agosto de 2008, entre forças da República da Geórgia e forças separatistas da Ossétia do Sul e da Abcásia, ambas apoiadas, mais ou menos declaradamente, pela Federação Russa, marcou um ponto de viragem na arquitetura de segurança europeia no pós-Guerra Fria e acentuou a divergência geoestratégica das relações EUA-Rússia neste período (Dickinson, 2021).

Neste evento disruptivo da ordem estabelecida, ocorrido no espaço físico transfronteiriço da Eurásia na primeira década do séc. XXI a Federação Russa demonstrou, pela primeira vez, não só a vontade, mas também a capacidade para contestar ativamente o ideal transatlântico de segurança para a Europa, no qual qualquer Estado poderia e deveria tomar decisões geostratégicas de forma livre e independente e escolher o seu rumo político-ideológico sem interferências externas. A Federação Russa conseguiu, no rescaldo desta intervenção relâmpago, anular efetivamente a expansão da NATO, uma vez mais, para o seu espaço de interesse vital, onde se incluía, segundo o seu ponto de vista, esta antiga Nação integrante da URSS (Seskuria, 2021).

O tortuoso caminho que levou a este estado de confrontação, bem como as suas consequências, devem--nos fazer despertar para uma realidade que se voltou a repetir no conflito russo-ucraniano onde erros de cálculo e perceção, inoperância diplomática e opções geopolíticas hegemónicas fizeram degenerar divergências políticas em aberta confrontação militar.

O caminho russo-georgiano para a beligerância.

Com o progressivo enfraquecimento da URSS, nos anos 80 do séc. XX, emergiram novas tendências nacionalistas e de secessão do vasto império russo, tradicionalmente multiétnico e culturalmente heterogéneo. As regiões da Ossétia do Sul e da Abcásia, ambas povoadas por minorias étnicas distintas da nova República Georgiana, recém-independente, iniciam, no início da década de noventa um período de luta armada independentista, que só cessou graças à intervenção diplomática da Federação Russa (Mez, 2015).

No rescaldo deste período beligerante, vários milhares de soldados russos, pertencentes a uma força de estabilização, foram destacados para ambas as regiões separatistas, assegurando à Federação Russa um novo estatuto de Nação mediadora, estabilizadora e geradora de segurança na esfera regional da antiga URSS. Mas, enquanto reconhecia formalmente a Ossétia do Sul e a Abcásia como regiões pertencentes à Geórgia, a Rússia estendeu, simultaneamente, a sua esfera de influência nestas regiões, através de uma política de indução de dependência política e económica, onde se incluiu a concessão da cidadania russa a vastas franjas da população de ambas as regiões secessionistas (Anjaparidze, 2021).

A República da Geórgia, após a viragem do milénio, torna-se gradualmente mais permeável à influência dos EUA e a um pensamento antagonista da ideologia da Federação Russa, iniciando um processo de militarização que, direta ou indiretamente visou a suplantação das forças separatistas e russas, estacionadas em seu apoio, num volume global de investimento que ascendia já a perto de mil milhões de dólares americanos anuais, exclusivamente em material de Defesa, nos anos 2007 e 2008, pré-conflito (Stockholm International Peace Research Institute, 2008).

A elite Georgiana no poder, alimentada pela nova capacidade militar e convicta do apoio diplomático americano que limitasse a ação da Federação Russa, em caso de conflito aberto, ignorou deliberadamente os sucessivos sinais de preparação militar de Moscovo. Em três anos consecutivos, 2006, 2007 e 2008, a Rússia efetuou exercícios de larga escala nas regiões de fronteira com a Geórgia, o último deles em claro contrapoder ao exercício bilateral conjunto – *Immediate Response* 2008, realizado entre forças dos EUA e da Geórgia (Rzeszutko, 2022).

Estes exercícios reforçariam a posição do presidente Vladimir Putin, em abril de 2008 quando, discursando na cimeira da NATO de Bucareste, e em direta alusão ao manifesto de intenções transatlântico, ainda que sem horizonte temporal definido, de integrar as repúblicas da Geórgia e da Ucrânia, abertamente mencionaria que a expansão desta organização para as fronteiras geográficas do seu país, constituiria uma ameaça direta à segurança da Federação Russa, salientando que a segurança nacional do seu país não poderia apenas estar assente em promessas (Kulhánek, 2016).

Paralelismos com a Guerra na Ucrânia.

A visão geopolítica ocidental tem menosprezado, ao longo dos anos, o papel do reconhecimento do Kosovo como Estado independente, na reconfiguração da arquitetura de segurança europeia. Efetivamente, o modelo aplicado nesta antiga província da ex-Jugoslávia, abriu espaço para que a esfera de influência da russofonia, na Geórgia e, mais recentemente na Ucrânia, tentasse aplicar a mesma fórmula às regiões separatistas da Abcásia, Ossétia do Sul, no primeiro caso e às regiões de Luhansk, Donetsk, Zaporíjia e Kherson, no segundo (Haar, 2000).

A diferença primordial, nestes casos, assentou em duas variáveis, uma endógena e uma exógena, que provocaram resultados absolutamente distintos no destino dos territórios. Internamente, foi definido pela

Geórgia um plano militar ativo de recuperação do controlo das regiões separatistas, gorado externamente pela imediata e musculada resposta russa e pela falta de pressão diplomática dos EUA, que auxiliasse os intentos georgianos de unificação territorial. No caso ucraniano, o governo ucraniano optou pela manutenção de um conflito de baixa intensidade na região do Donbass e foi bem-sucedido na aproximação absoluta aos EUA, forçando a Federação Russa, ato reflexo da declaração de independência das quatro regiões, a uma invasão efetiva destes territórios, com o intuito de tornar palpável a assinatura e reconhecimento das declarações de independência e anular, como consequência, no curto prazo, a integração plena da Ucrânia na esfera da NATO (Nalaskowski, 2015).

Reflexos de uma luta geopolítica de longo prazo:

A 29 de janeiro de 2025, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa[25] toma a decisão de suspender a ratificação das credenciais da delegação georgiana, condicionando os seus direitos naquela que é a mais antiga Instituição Europeia em funcionamento, como forma de pressão para que a Geórgia retome um caminho sólido rumo à democracia. Foram, especificamente, solicitadas medidas concretas que conduzam à realização de eleições livres e justas, bem como exigida a libertação de presos políticos, sob custódia georgiana. Em resposta, no dia seguinte, e à semelhança do que a Federação Russa tinha efetuado a 15 de março de 2022, a Geórgia decide formalmente abandonar a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, num claro sinal de aproximação à esfera de influência de Moscovo, em detrimento da Europa Ocidental (Council of Europe, 2025).

O exemplo geopolítico georgiano reforça a importância do pilar diplomático como instrumento de poder dos Estados, e como este elemento do *soft power*[26] da Rússia conseguiu, neste caso específico, limitar/adiar a ambição da NATO em continuar a sua expansão para as fronteiras leste da Europa.

[25] O Conselho da Europa é uma organização internacional europeia, que atua na defesa dos direitos humanos, da democracia e do Estado de direito. Fundada em 1949, é constituída por 45 Estados-membros, onde se incluem todos os 27 Estados da União Europeia.

[26] Expressão usada na teoria das relações internacionais para descrever a habilidade de um corpo político para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos.

Apêndice E – O conflito moldavo com a província separatista da Transnístria e o seu paralelismo com a Guerra na Ucrânia

A região separatista da Transnístria, território moldavo com 1.346 Km^2, situado entre o rio Dniester e a fronteira com a Ucrânia, tem sido fonte de tensões geopolíticas desde o colapso da União Soviética. Apesar de fazer, oficialmente, parte da República da Moldávia, a Transnístria declarou, unilateralmente, independência deste país a 2 de setembro de 1990 e, posteriormente, da URSS a 25 de agosto de 1991 (Borsi, 2007).

Historicamente, a Transnístria possui uma identidade distinta da restante Moldávia. Durante toda a era Soviética, foi tradicionalmente uma área muito industrializada, com um fluxo de imigração russo e ucraniano muito elevado, enquanto que a restante Moldávia permaneceu culturalmente conectada com a Roménia (Zadeskey, 2022).

Após a separação da URSS e, temendo a perda progressiva de direitos constitucionais, a comunidade russófona iniciou um movimento separatista mais agressivo, que evoluiu para conflito armado em 1992. Nessa data, contando com o apoio do décimo quarto exército da Rússia, o movimento separatista conseguiu, de facto, tomar o controlo de toda a região. O acordo de cessar-fogo que se seguiu, em julho de 1992, originou um precário equilíbrio de poder, que se mantém até aos dias de hoje, onde a Transnístria funciona como um Estado independente, embora não reconhecido internacionalmente, e onde a Rússia, sob pretexto de funções de manutenção da paz, mantém uma força militar regular na região (Kieff, 2024).

A Transnístria possui o seu próprio governo, moeda e forças militares, embora económica, política e militarmente dependente da Federação Russa. A República da Moldávia, por seu lado, embora não reconhecendo a independência da Transnístria, tem evitado uma escalada militar, optando ao invés pela via diplomática para a resolução desta disputa independentista (Ibragimova, 2023).

Desde 2014, ano da anexação russa da Crimeia e ocupação de parte do Donbass por parte de forças separatistas pró-russas, que as tensões geopolíticas nesta região se têm vindo a intensificar. A clivagem ideológica entre a Transnístria e a restante Moldávia levou a que a primeira apoiasse os intentos da Federação Russa, enquanto a segunda procurava uma gradual aproximação à Europa Ocidental e à União Europeia. A Moldávia viria mesmo a conseguir, em 2022, o estatuto de candidato formal à União Europeia, materializando a ambicionada viragem a Ocidente (Meister, 2024).

O papel das instituições internacionais na tentativa de resolução do diferendo.

A OSCE tem tentado, desde a génese do conflito, fazer pontes de entendimento que pudessem contribuir para a resolução pacífica do diferendo independentista da Transnístria. Em 1997, sob os auspícios desta organização, os presidentes da Moldávia e da Transnístria assinaram o memorando Primakov, com vista à normalização das relações entre as duas repúblicas (Socor, 2018).

Mais tarde, em 2005, estes esforços evoluíram para o formato 5+2, com a inclusão dos contributos diplomáticos da Ucrânia e da Rússia, OSCE, Moldávia, Transnístria e ainda dos EUA e UE, ambos com estatuto de observador. Este novo fórum de discussão não conseguiu resultados significativos na resolução do diferendo, tendo sido formalmente abandonado pela Moldávia, em 2023 (Cenusa, 2024).

O Impacto da Guerra na Ucrânia.

A invasão russa do Leste ucraniano, em 2022, gerou uma nova dinâmica ao conflito da Transnístria. Desde logo, por partilhar a sua fronteira leste com o sudoeste ucraniano, este território pró-russo tem sido percecionado como um dilema securitário para as tropas ucranianas, que encerrou de imediato as suas fronteiras com este território (Parmentier, 2024).

Desde o início da invasão, a Ucrânia receou que a Federação Russa pudesse usar o território da Transnístria para abrir uma nova frente de batalha, especialmente dada a importância estratégica do vizinho porto de Odessa e do seu acesso privilegiado ao Mar Negro. Por essa razão, toda a zona de fronteira tem sido gradualmente mais militarizada, do lado ucraniano, com o intuito de travar qualquer potencial incursão terrestre até esta cidade portuária (Brewster, 2022).

Por outro lado, a Moldávia tem permanecido diplomaticamente cautelosa, em relação a esta guerra. Apesar de ter condenado formalmente a invasão russa e de, regularmente, providenciar apoio humanitário a refugiados do conflito, o governo moldavo tem evitado uma confrontação verbal direta com Moscovo, na tentativa de não deteriorar, ainda mais, a crise da Transnístria. Ao invés, tem procurado reforçar a sua segurança interna e, no capítulo externo, uma aproximação à União Europeia que lhe permita diminuir a dependência energética russa e aumentar a estabilidade político-económica (Parmentier, 2023).

A 1 de janeiro de 2025, expirou formalmente o acordo ucraniano de autorização de passagem de gás russo para a Transnístria. Desde essa data, instalou-se uma severa crise energética nesta região que, por um lado, se vê privada do gás russo e, por outro, se vê impossibilitada de pagar, a preços de mercado, o gás oriundo da Moldávia (Ohanjanyan, 2025).

Implicações para a Segurança Europeia.

A situação geopolítica da Transnístria continua a constituir-se como um desafio à estabilidade de toda a Europa de Leste.

Esta disputa territorial independentista é mais um clássico exemplo dos conflitos *congelados,* oriundos do desmantelamento da URSS, cuja importância geoestratégica se encontra agora exacerbada pela guerra na vizinha Ucrânia. Do desfecho do conflito russo-ucraniano poderá emergir uma solução para o conflito da Transnístria ou, por oposição, uma escalada regional que leve também a uma guerra aberta na República da Moldávia. Em qualquer dos casos, a Guerra na Ucrânia demonstrou-nos como conflitos latentes, como o da Transnístria podem, por erros de perceção diplomática, tornar-se muito relevantes no cenário geopolítico global, originando uma total reconfiguração da arquitetura de segurança, regional e continental.